



Um guia para a definição de um Programa de Mentoria a partir do Desporto para jovens em situação de vulnerabilidade



Co-funded by
the European Union





Parceiros

AFEJI - *França*

Aproximar Cooperativa de Solidariedade Social, CRL

Cooperativa de Solidariedade Social, CRL - *Portugal*

Asociatia Vis Juventum - *Roménia*

Instruction & Formation - *Irlanda*

Pour La Solidarité - *Bélgica*

Universidade da Beira Interior - *Portugal*

Coordenador

AFEJI - *França*

Design

Pour La Solidarité - *Bélgica*

SportyMentor | Referência do projeto: 2021-2-FR02-KA220-YOU-000049256

Este projeto foi financiado com o apoio da Comissão Europeia, no âmbito do Programa Erasmus+. Esta publicação reflete apenas as opiniões do autor, e a Comissão não pode ser responsabilizada por qualquer uso que possa ser feito das informações nela contidas.

Publicado em Novembro 2023



Co-funded by
the European Union



Autores

Este guia foi elaborado por um consórcio de associações no âmbito do projeto europeu SportyMentor :



AFEJI é um ator social, sócio-médico e educativo fundamental no departamento do Norte de França. Intervém no sector social, sanitário e médico-social que abrange as deficiências físicas, as deficiências intelectuais, as perturbações comportamentais, as deficiências sociais e familiares, bem como as dificuldades psicológicas. É uma organização sem fins lucrativos.



Aproximar Cooperativa de Solidariedade Social, CRL é uma ONG que tem como objetivo melhorar o capital humano e social das pessoas, comunidades e organizações como estratégia para reforçar a sua capacidade de tirar partido dos desafios e oportunidades existentes e emergentes.



Vis Juventum é uma organização privada, sem fins lucrativos, que trabalha com vários grupos vulneráveis. O principal interesse desta organização é trabalhar com delinquentes, ex-reclusos e as suas famílias, num esforço para investir na segurança da comunidade a partir de uma perspetiva informada sobre o trauma.



I & F Education é uma organização irlandesa que trabalha em Dublin e a partir de Dublin para o desenvolvimento educativo de pessoas de todas as idades, especialmente nas áreas do empreendedorismo, desporto e desenvolvimento pessoal, juventude, aprendizagem de línguas, inclusão e diversidade e desenvolvimento rural.



POUR LA SOLIDARITÉ (PLS) é um think & do tank europeu independente, fundado em 2002, empenhado numa Europa solidária e sustentável, que se mobiliza para defender e consolidar o modelo social europeu, um equilíbrio subtil entre desenvolvimento económico e justiça social.



A **Universidade da Beira Interior (UBI)** é uma das mais recentes universidades públicas em Portugal, mas é também uma instituição de referência nos domínios do ensino, investigação, inovação, negócios, empreendedorismo e informática.

ÍNDICE

01

INTRODUÇÃO

1. A iniciativa
2. Os resultados da iniciativa (PR's) e os objetivos
3. Metodologia
4. Os parceiros

02

I. OS JOVENS NA EUROPA

1. A situação dos jovens na Europa
 - 1.1 Definição
 - 1.2 Demografia
 - 1.3 Políticas internacionais e comunitárias
2. Jovens em situação de desvantagem
 - 2.1 Situação socioeconómica
 - 2.1.1 Pobreza
 - 2.1.2 Educação
 - 2.1.3 Migração
 - 2.1.4 Fosso digital
 - 2.2 Saúde
 - 2.2.1 Saúde física
 - 2.2.2 Saúde mental
 - 2.3 Comportamentos desafiadores

03

II. COMO AJUDAR E APOIAR OS JOVENS EM SITUAÇÃO DE MAIOR DESVANTAGEM?

TABLE OF CONTENTS

1. Necessidades sociais e emocionais dos jovens
2. Atividade física para satisfazer necessidades emocionais
3. A mentoria como ferramenta para envolver os jovens em situação de maior desvantagem
 - 3.1 Características dos mentores
 - 3.2 Características dos mentorandos
 - 3.3 Relação de mentoria
4. Boas práticas
 - 4.1 Práticas relacionadas com a mentoria
 - 4.2 Práticas relacionadas com o desporto

04

III. CONCLUSÃO



INTRODUÇÃO

1. A iniciativa Sporty Mentor

São muitos os jovens que se vêm privados de relações sólidas e duradouras com adultos cuidadores, figuras de referência e apoio, o que os coloca em risco e os torna mais vulneráveis a toda uma série de dificuldades, desde o insucesso escolar à adoção de comportamentos de risco[1] . A investigação sugere que os jovens resilientes - aqueles que transitam com êxito de contextos de risco para o mundo adulto do trabalho e de cidadania participativa e saudável - se distinguem consistentemente pela presença de um adulto cuidador nas suas vidas[2], como uma relação de mentoria pode, por exemplo, oferecer.

Além disso, apesar dos benefícios da atividade física, de acordo com a Organização Mundial de Saúde, mais de 81%[3] da população adolescente mundial é insuficientemente ativa do ponto de vista físico; e a pandemia da COVID-19 expôs as desigualdades no acesso e nas oportunidades de algumas comunidades se tornarem fisicamente ativas. Assim, com esta iniciativa esperamos aumentar a percentagem de jovens, especialmente os mais vulneráveis, interessados na prática de desporto e na adoção de estilos de vida saudáveis.

A iniciativa SportyMentor tem como objetivo utilizar a mentoria e o desporto como ferramentas para impulsionar mudanças cognitivo-comportamentais e afetivas nos jovens. Este projeto pretende envolver adolescentes e jovens com comportamentos desafiadores num programa de mentoria enquanto estratégia geradora de motivação para a adesão a um estilo de vida saudável e sustentável.

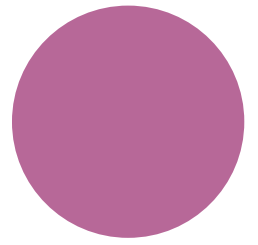
O SportyMentor prevê uma metodologia centrada na juventude, em que os jovens terão a possibilidade de interagir com o seu mentor, praticar desporto e estar em contacto com o ambiente. Este programa complementarará outros projetos já em implementação por alguns dos parceiros, mas é inovador na medida em que oferece uma combinação de desporto e mentoria especificamente concebida para responder às necessidades dos jovens em situações de maior desvantagem.

Apesar da existência inegável de relações de mentoria no desporto, existe uma ausência de investigação sobre o assunto, combinada com a falta de programas de mentoria estruturados e formais no desporto.

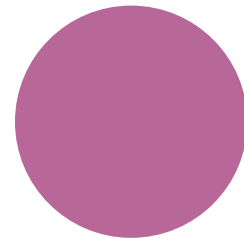
[1] Cavell, T., DuBois, D., Karcher, M., Keller, T., & Rhodes, J. (2009). Strengthening mentoring opportunities for at-risk youth. Retrieved from [Votre texte de paragraphe](#)

[2] Ibid

[3] World Health Organization (WHO, 2020), WHO guidelines on physical activity and sedentary behaviour. Retrieved from [Votre texte de paragraphe](#)



Este guia fornecerá, por conseguinte, uma base teórica para compreender e contextualizar a situação dos jovens na Europa, em especial os que se encontram em situações de maior vulnerabilidade social. Por outro lado, permitirá compreender as necessidades sociais e emocionais destes jovens e a forma como o desporto e a mentoria podem (co) responder a essas necessidades.



2. Resultados e objetivos da iniciativa (PR)

O SportyMentor prevê a adoção de uma metodologia centrada nos jovens, em que estes poderão interagir com um mentor, praticar desporto e estar em contacto com o meio ambiente e social.

Para atingir este objetivo, a parceria propôs-se desenvolver os seguintes produtos:

1.PR1: Um Guia que define as bases científicas de um Programa de Mentoria em desporto para jovens (dos 13 aos 19 anos) em situação de vulnerabilidade,

2.PR2: Um programa de Mentoria no Desporto para 120 mentores e mentorandos nos países parceiros,

3.PR3: Um Toolkit de Eco-cidadania para apoiar o programa de Mentoria,

4.PR4: Uma aplicação móvel SportyMentor para promover atividades desportivas e apoiar a interação entre mentor e mentorando, bem como para sensibilizar para as questões ambientais e de sustentabilidade.

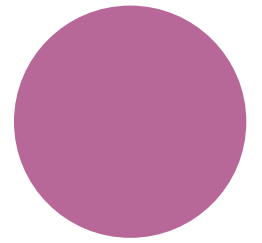
Os vários resultados do projeto contribuem para a realização dos seguintes objetivos

-apoiar os adolescentes com baixos níveis de auto-eficácia através do exercício, do apoio social, da orientação e de role model;

-desenvolver uma abordagem inovadora que combine a utilização de mentoria, desporto e aplicações móveis na promoção de um estilo de vida saudável de adolescentes e jovens;

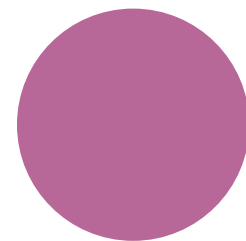
-utilizar a cidadania ativa e o voluntariado dos jovens como um recurso comunitário estratégico para reforçar as convicções pessoais e a motivação dos adolescentes quanto à sua capacidade de iniciar e manter uma atividade física regular e, a longo prazo, alargar as suas perspetivas de vida;

-incentivar uma abordagem de desenvolvimento positivo da juventude (PYD – positive youth development) nas escolas, ONG locais, clubes desportivos e comunidades locais, promovendo uma nova perspetiva sobre a forma como a juventude é vista e o seu papel, a nível social;



-introduzir os meios digitais num programa de mentoria no desporto que visa a promoção da inclusão social e de uma cidadania ativa, fomentando a utilização de competências digitais para promover a inclusão social dos jovens.

-utilizar o potencial do programa de mentoria no desporto para promover, simultaneamente, o contacto com o ambiente e os territórios locais.



3. Metodologia

O objetivo deste Guia (PR1) é fornecer os elementos contextuais e a base científica para um programa de mentoria no desporto para jovens em situação de maior vulnerabilidade, nos países parceiros. Para isso, começámos por traçar as orientações da investigação, de modo a definir com maior precisão o público e as suas necessidades, bem como os benefícios do desporto e da mentoria para esta população. De seguida, organizámos um workshop de validação com organizações da sociedade civil (OSC)/organizações de base comunitária que trabalham com estes jovens e, por fim, analisámos os resultados dos workshops, cruzando-os com as principais conclusões da revisão da literatura.

Os diferentes produtos intelectuais do projeto estão a ser produzidos simultaneamente. Para que seja possível desenvolver e implementar um programa de mentoria no desporto no âmbito do SportyMentor (PR2), iremos selecionar e recrutar mentores e mentorandos, formar os mentores (curso de formação de 12 horas no mínimo), emparelhar mentores e mentorandos, implementar um piloto de processos de mentoria e analisar os resultados, procedendo, no final, a um ajuste ao programa de mentoria, de acordo com as conclusões da fase piloto.

Para o desenvolvimento de um Toolkit de Eco-cidadania para apoiar o programa de mentoria no desporto (PR3), iremos realizar uma pesquisa bibliográfica sobre o desporto e o Toolkit de Eco-cidadania, desenhando posteriormente um conjunto de atividades de grupo com jovens e, finalmente, pilotar o Toolkit com os jovens. Por último, para desenvolver a aplicação móvel SportyMentor (PR4), a Universidade da Beira Interior (UBI) elaborará o cenário inicial e o mapeamento do percurso do utilizador, depois conceberá um guia de funcionalidades da aplicação, maquetas e design gráfico, desenvolvendo assim a aplicação. A aplicação será pilotada, tendo em vista a sua melhoria após a análise dos resultados das fases de testagem. Serão ainda realizados dois eventos de formação conjunta de curta duração para a equipa técnica das organizações parceiras e, no final, eventos multiplicadores para divulgar os resultados do projeto e explorar oportunidades de transferibilidade dos conhecimentos e do programa de mentoria.

4. Os parceiros

O SportyMentor reúne 6 organizações parceiras com competências complementares de 5 Estados-Membros:

Em França, AFEJI Hauts-de-France (Coordenação do projeto)



A **Afeji Hauts-de-France** é uma ONG sem fins lucrativos fundada em 1962 com o objetivo de lutar contra todas as formas de exclusão. É um ator social, sócio-sanitário e educativo de referência nos Hauts-de-France, com uma experiência reconhecida e posicionado como um verdadeiro parceiro social dos serviços públicos.

A Afeji Hauts-de-France apoia todas as pessoas vulneráveis, desde a primeira infância até à velhice: ambiente familiar complexo, deficiência, perda de autonomia, apoio aos familiares prestadores de cuidados, dificuldades sociais, acesso ao emprego, exílio... A associação gere 110 estabelecimentos e serviços em todo o departamento do Norte, emprega 3000 profissionais e presta serviços a 16 000 beneficiários.

Os estabelecimentos e serviços especializados da Afeji consistem em laboratórios vivos para elaborar, desenvolver, testar e avaliar métodos inovadores para dar respostas pertinentes aos desafios atuais. A Afeji quer adaptar-se, antecipar-se e inovar. Foi-se adaptando às necessidades específicas dos territórios onde desenvolveu a sua experiência e o seu saber-fazer: uma abordagem global e um apoio individualizado prestado por profissionais.

Na Bélgica, POUR LA SOLIDARITÉ-PLS



"Fundada em 2002, a **POUR LA SOLIDARITÉ-PLS** é uma organização europeia independente empenhada numa Europa solidária e sustentável. **POUR LA SOLIDARITÉ-PLS** trabalha para defender e consolidar o modelo social europeu, promovendo um equilíbrio entre desenvolvimento económico e justiça social.

A equipa multicultural e multidisciplinar de **POUR LA SOLIDARITÉ-PLS**, com fortes competências em investigação, consultoria, coordenação de projetos europeus e organização de eventos, trabalha no espaço público junto de empresas, autoridades públicas e organizações da sociedade civil com o lema: Compreender, Ligar e Apoiar para Agir;

Na Irlanda, a **I and F Education and development limited**



IA I & F Education é uma organização irlandesa que trabalha em Dublin e a partir de Dublin para o desenvolvimento educativo de pessoas de todas as idades, especialmente nas áreas do empreendedorismo, desporto e desenvolvimento pessoal, juventude e escolas, aquisição de línguas, inclusão e diversidade e desenvolvimento rural. A organização salienta e coloca a tónica na aprendizagem ao longo da vida, bem como na educação de adultos.

Estão envolvidos em vários projetos europeus transnacionais e fazem parte de várias redes europeias, incluindo a rede europeia New Ideas for New Opportunities e a rede EDIN, que se centra na diversidade e na inclusão.

Em Portugal, Aproximar Cooperativa de Solidariedade Social, CRL e Universidade da Beira Interior



Criada em 2006, a **Aproximar Cooperativa de Solidariedade Social, CRL** é uma ONG que tem como objetivo valorizar o capital social e humano das organizações, da comunidade e das diferentes populações abrangidas. A Aproximar Cooperativa de Solidariedade Social, CRL tem desenvolvido projetos de promoção de competências pessoais e sociais de jovens em conflito com a lei e/ou jovens adultos privados de liberdade num estabelecimento prisional, tendo, por isso, também uma forte ligação ao sistema prisional português.

A organização presta serviços em quatro setores principais: Sistema de Justiça Criminal; Educação, e Capacitação Comunitária; Envelhecimento Ativo e Cuidados a Dependentes; e Economia Social, Empreendedorismo e Empregabilidade. Estes serviços incluem mentoria, atividades de educação não formal, formação em empreendedorismo e o desenvolvimento de novas iniciativas no âmbito do sistema de justiça.



A **Universidade da Beira Interior (UBI)** é uma das mais recentes universidades públicas em Portugal, mas é também uma instituição de referência nos domínios do ensino, investigação, inovação, negócios, empreendedorismo e informática. Ao longo dos anos, o número de programas de ensino e do número de alunos tem vindo a aumentar, tendo ultrapassado os 7500 alunos de todo o país e 300 de todo o mundo. Com o objetivo de proporcionar uma sólida formação educacional e científica aos seus alunos em diferentes áreas do conhecimento, a UBI apresenta 27 cursos de primeiro ciclo, 47 cursos de segundo ciclo e 26 cursos de terceiro ciclo.

A universidade apresenta vários equipamentos de ensino e investigação, estruturados em 5 Faculdades - Faculdade de Ciências, Faculdade de Engenharia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Faculdade de Letras e Faculdade de Ciências da Saúde - e 14 unidades de investigação que foram cuidadosamente implementadas e que vão desde a aeronáutica à informática, passando pela eletromecânica, saúde, matemática, ótica, educação, psicologia, telecomunicações, materiais têxteis e papel e gestão e empreendedorismo.

Na Roménia, **Associação Vis Juventum**



A Vis Juventum é uma organização privada, sem fins lucrativos, que trabalha com vários grupos vulneráveis. O principal foco desta organização é o trabalho com delinquentes, ex-reclusos e as suas famílias, num esforço para investir na segurança da comunidade a partir de uma perspetiva informada sobre o trauma. Enquanto organização, a VIS acredita que o trauma tem um impacto significativo na vida dos indivíduos, das suas famílias e da comunidade como um todo. Consequentemente, é imperativo que sejam proporcionadas oportunidades de prevenção, intervenção e cuidados posteriores, de modo a promover e a contribuir para o bem-estar tanto do indivíduo como da comunidade. Consequentemente, a organização pretende melhorar a segurança e o bem-estar da comunidade, fornecendo uma abordagem holística e baseada na prevenção, intervenção e tratamento de traumas. Para isto, apoiam os indivíduos (adolescentes, jovens adultos, adultos e idosos) que podem afetar, afetam ou são afetados pela segurança pública. Este objetivo é alcançado através da prestação de serviços de aconselhamento (em grupo ou individual), educação e formação, orientação, campanhas de sensibilização e encaminhamento para recursos comunitários especializados.



I. OS JOVENS NA EUROPA

A iniciativa SportyMentor tem como objetivo utilizar a mentoria e o desporto como ferramentas para estimular mudanças cognitivas, comportamentais e emocionais em jovens dos 13 aos 19 anos em situação de maior desvantagem, de modo a reforçar a sua motivação para seguir um estilo de vida mais saudável e sustentável.

Nesta primeira parte do guia, pretende-se:

- conhecer melhor este público "jovem" a nível europeu;
- identificar as políticas europeias e internacionais que têm em conta as suas necessidades;
- identificar e compreender as principais fontes de desvantagem atual para estes jovens.

Compreender quem são estes grupos-alvo e familiarizarmo-nos com a sua realidade e os diferentes desafios que enfrentam em cada país permitir-nos-á desenvolver um programa flexível, transferível e, acima de tudo, baseado nas necessidades reais dos grupos-alvo e das organizações locais.

1. A situação dos jovens na Europa

1.1 Definição

A juventude pode ser definida como "a passagem de uma infância dependente para uma idade adulta independente" ou "a transição entre um mundo de desenvolvimento bastante seguro para um mundo de escolhas e riscos"[1]. Os jovens encontram-se numa situação social única, na medida em que, por um lado, já não têm direito a prestações e à proteção das crianças e, por outro, continuam a necessitar de cuidados suplementares, porque não beneficiam de todas as possibilidades e oportunidades oferecidas aos adultos.

[4] Perovic B. (April 2016), *Defining youth in contemporary national legal and policy frameworks across Europe*, consulted on <https://tinyurl.com/mvewzcxx>

Além disso, não existe uma definição clara do que é exatamente um jovem, uma vez que a juventude é uma categoria muito heterogénea, com diferentes antecedentes sociais, económicos, culturais e educativos, interesses, desafios e necessidades. Encontrar uma definição comumente aceite é um verdadeiro desafio. Até à data, a distinção etária tem sido considerada a abordagem dominante - embora insuficiente - para definir a juventude.

Assim, para fins estatísticos, a definição mais adotada dos termos "jovens" e "juventude" é a que abrange as pessoas com idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos, sendo que jovens com idade inferior, são considerados "crianças"[1] . No entanto, como se verá mais adiante, nas políticas europeias e internacionais, as "crianças" são definidas como indivíduos com menos de 18 anos.

1.2 Demografia

A percentagem de jovens na população está a diminuir na maioria dos países europeus. De acordo com o Eurostat, a percentagem combinada de crianças e jovens na população total da UE-27 diminuiu de 38,1 % em 1999 (excluindo a Croácia) para 34,2 % em 2009 e 31,8 % em 2019[1] .

Em 2021, dos 197 milhões de agregados familiares na UE, cerca de um quarto tinha crianças e jovens com menos de 18 anos a viver com eles (24%). Entre estes agregados familiares, os que tinham um filho eram o mais comum (49% dos agregados familiares com filhos). Entretanto, 39% tinham dois filhos e 12% tinham três ou mais filhos. [2]

Children and young people in the population, EU-27, 1999, 2009 and 2019

	1999 (*)		2009		2019 (*)	
	Population (thousands)	Share of total population (%)	Population (thousands)	Share of total population (%)	Population (thousands)	Share of total population (%)
Children and young people (0-29 years)	161 526	38.1	150 373	34.2	141 980	31.8
Children (0-14 years)	72 738	17.2	67 906	15.4	67 808	15.2
Young people (15-29 years)	88 788	21.0	82 467	18.7	74 172	16.6

Note: all data as of 1 January.

(*) Excluding Croatia.

(*) Break in series.

Source: Eurostat (online data code: demo_pjangroup)

Figura 1 Percentagem de crianças e jovens na população, UE-27, 1999, 2009 e 2019

eurostat 

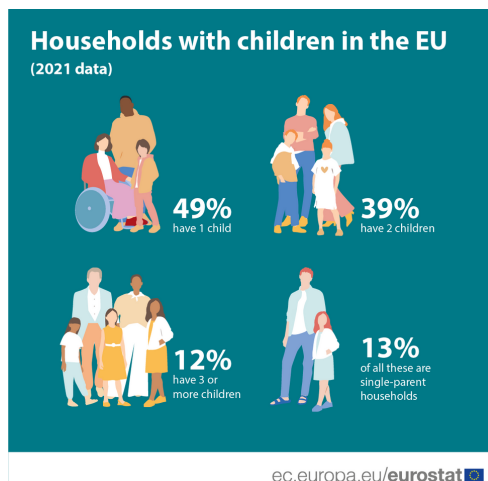


Figure 2 - Households with children in the EU (Eurostat, 2022)

[5] Eurostat, *Children and young people in the population*, consulted on <https://ii1.su/BnEXD>.

[6] Ibid.

[7] Eurostat (June 2022), *Almost a quarter of EU households have children*, consulted on <https://tinyurl.com/suhp3rr3>

1.3 Políticas internacionais e da UE

A ação da UE em matéria de direitos da criança é essencialmente orientada pela **Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (UNCRC)** [1] . Este documento internacional estabelece que todas as crianças - pessoas com idade inferior a 18 anos - em todo o mundo devem gozar dos mesmos direitos e poder viver sem qualquer tipo de discriminação, recriminação ou intimidação. A convenção destaca quatro princípios fundamentais relativos às crianças:

1. não-discriminação
2. o interesse superior da criança
3. o direito à vida, à sobrevivência e ao desenvolvimento
4. respeito pelas opiniões da criança

Mais de 30 anos após o início da sua aplicação, registaram-se progressos significativos e as crianças são cada vez mais reconhecidas como tendo o seu próprio conjunto de direitos. A nova **estratégia abrangente da UE sobre os direitos da criança**[2] e a **Garantia Europeia para a Infância** - ambas estabelecidas em 2021 - são iniciativas políticas importantes apresentadas pela Comissão Europeia e pelo Conselho para proteger melhor todas as crianças (pessoas com menos de 18 anos), para as ajudar a cumprir os seus direitos e para as colocar no centro da elaboração das políticas da UE. Uma vez que a pandemia de COVID-19 exacerbou os desafios e as desigualdades existentes (violência doméstica, abuso em contexto online...) e criou novos desafios (ensino à distância), o objetivo da UE é adotar uma abordagem abrangente que reflita as novas realidades e os desafios persistentes. Esta estratégia visa reunir todos os instrumentos legislativos, políticos e de financiamento da UE, novos e existentes, num quadro global.

A Estratégia Europeia centra-se em seis áreas temáticas:

1. Participação das crianças na vida política e democrática
2. Inclusão socioeconómica, saúde e educação
3. Combate à violência contra as crianças e garantia da sua proteção
4. Justiça favorável às crianças
5. Sociedade digital e da informação
6. Ajuda às crianças em todo o mundo

A **Garantia Europeia** para a Infância tem por objetivo prevenir e combater a exclusão social das crianças necessitadas, garantindo o acesso a um conjunto de serviços essenciais. De facto, a desvantagem e a exclusão numa idade precoce têm, mais tarde, um impacto na capacidade de sucesso das crianças. Este facto cria frequentemente um ciclo de desvantagem entre gerações. Assim, o objetivo deste documento europeu é quebrar este ciclo. Fornece orientações e meios para os Estados-Membros apoiarem as crianças necessitadas.

[8] European Commission (24-03-2021), *EU Strategy on the rights of the child*, consulted on <https://ii1.su/mXcp9>

[9] Ibid.

[10] European Commission(24-03-2021), *Factsheet : European Child Guarantee*, consulted on <https://tinyurl.com/3twkbuus>

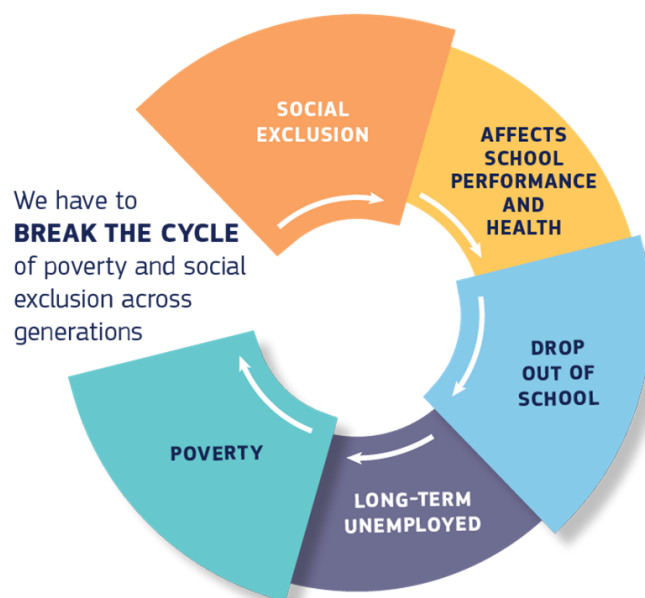


Figura 2. Ciclo de desvantagem (Comissão Europeia)

Ambas as iniciativas foram informadas por consultas alargadas aos cidadãos, às partes interessadas e, sobretudo, a mais de 10 000 crianças.

2. Jovens em situação de desvantagem

Mais do que a categoria de crianças ou jovens, o SportyMentor pretende chegar aos jovens europeus em situação de maior desvantagem social. Os anos da adolescência podem ser muito complicados, uma vez que correspondem a uma fase transitória de ser-se criança, para se tornarem adultos independentes. Além disso, as desigualdades aumentaram nos últimos vinte anos para os jovens e várias causas podem explicar a situação de desvantagem das crianças e dos jovens, assim como a adoção de comportamentos desafiadores.

Não existe um consenso universal sobre os fatores que colocam um jovem numa situação de "risco" ou "de desvantagem". Quando questionados sobre o significado do termo "jovens em situação de desvantagem" durante os workshops[1], os participantes propuseram definições diferentes, mas com muitas semelhanças. Os profissionais irlandeses destacaram quatro formas pelas quais um jovem pode ser considerado em desvantagem: 1) Desvantagem social: refere-se principalmente à situação financeira de uma pessoa; 2) Desvantagem situacional ou geográfica: as zonas rurais oferecem menos oportunidades e equipamentos do que as zonas urbanas; 3) Falta de apoio institucional; 4) Jovens com necessidades especiais: muitas vezes não podem fazer as mesmas coisas que as outras crianças ou podem precisar de ajuda para participar em certas atividades.

A componente social da desvantagem foi salientada por todos os profissionais que se reuniram nos diferentes países. Associada a esta, a estrutura familiar ou a origem étnica foram também mencionadas como possíveis fontes de desvantagem, particularmente em França e na Roménia. A desvantagem situacional e as necessidades especiais apenas foram destacadas em Portugal.

Os participantes portugueses sublinharam, em particular, a falta de adaptação dos métodos de ensino e aprendizagem.

Mas, apesar das especificidades dos países do consórcio, a maior parte dos problemas são comuns. Na secção seguinte, centrar-nos-emos nas desvantagens relacionadas com a situação económica, a educação, a migração, a tecnologia digital e a saúde. Concluiremos com uma explicação do que entendemos por comportamentos desafiadores no contexto deste projeto.

2.1 Situação socioeconómica

A situação socioeconómica é abordada nesta secção através do prisma da situação económica e, mais especificamente, do que significa ser pobre ou estar em risco de pobreza, mas também através da relação com a educação, a migração e o acesso digital.

2.1.1 Pobreza

Embora a UE seja considerada uma das regiões mais ricas e igualitárias do mundo, isso não significa que todos os países europeus estejam livres de pobreza infantil[1] . Dos países do consórcio, a Roménia é o país com o nível mais elevado de pobreza infantil (41,5%, dados de 2021)[2] . As médias dos outros países são inferiores à média da UE (24,4%), mas todas superiores a 20%.

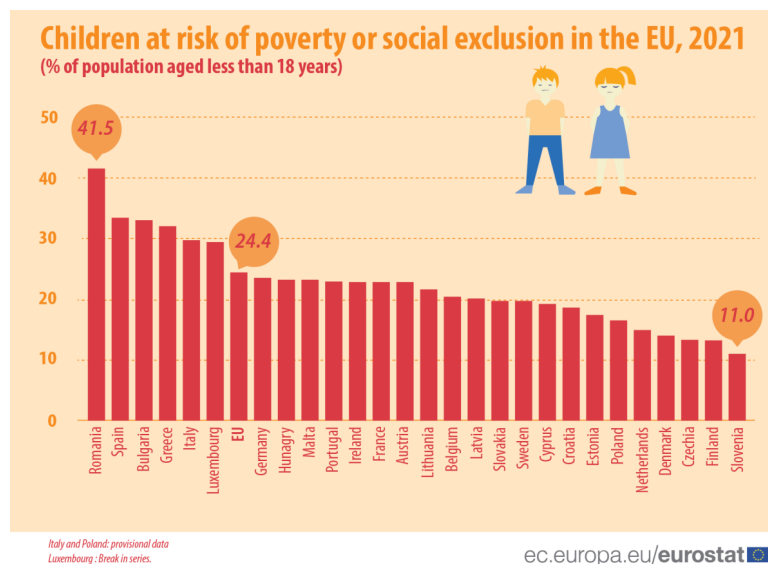


Figura 3. Crianças em risco de pobreza ou exclusão social na UE, 2021[1]

De acordo com um relatório da organização sem fins lucrativos "Save the children", as seis principais categorias de crianças em risco de pobreza ou exclusão social (ARPE) são:

[11] Save the children (November 2021), Guaranteeing children's future : How to end child poverty and social exclusion in Europe, consulted on <http://bitly.ws/DkFd>

[12] Ibid.

[13] Eurostat (October 2022), EU-Children Poverty 2021, consulted on <https://tinyurl.com/mwd9p9ae>

1. Crianças de origem migrante (refugiados, requerentes de asilo, sem documentos e crianças não acompanhadas)
2. Crianças de famílias monoparentais: apresentam um maior risco de viver com um baixo nível económico
3. Crianças de famílias com baixos rendimentos
4. Crianças com deficiência
5. Crianças de minorias étnicas
6. Crianças de famílias numerosas com desvantagens socioeconómicas: este público está particularmente em risco porque combina vários fatores como ter um ou ambos os pais desempregados (normalmente as mães de famílias numerosas estão fora do mercado de trabalho), pertencer a um grupo étnico minoritário e, além disso, ter vários filhos.

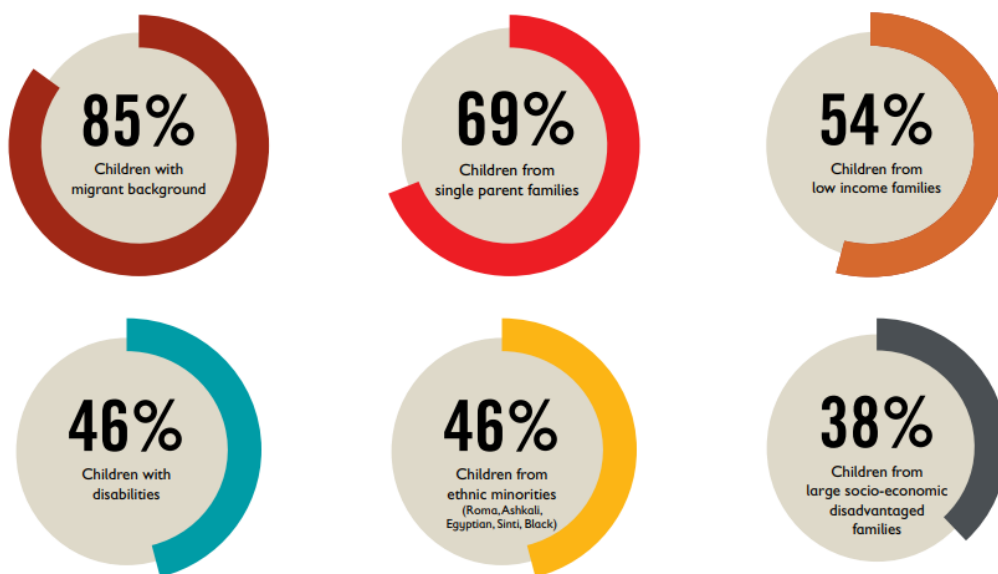


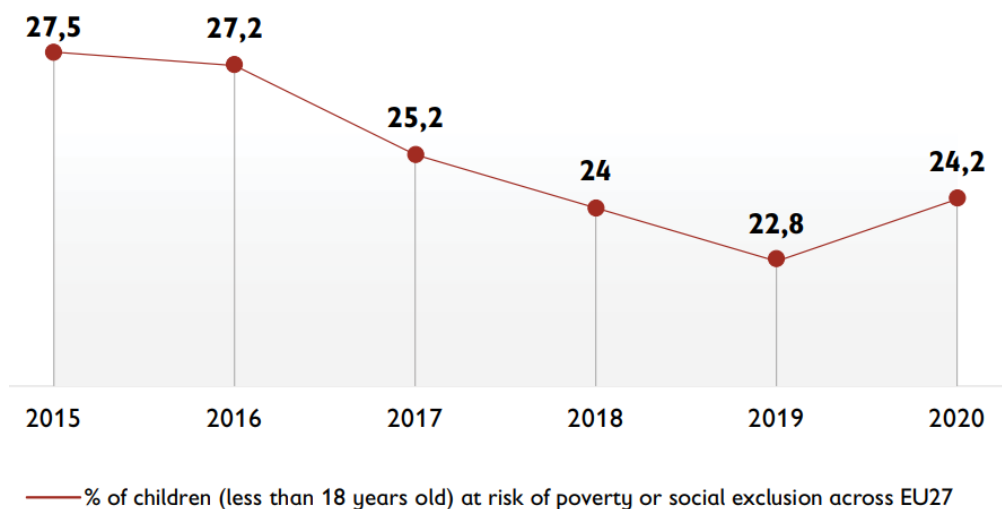
Figura 4. Principais grupos de crianças em risco na Europa (Save the Children) [13]

A pobreza afeta os direitos das crianças, na medida em que não permite que crianças e jovens tenham acesso aos mesmos serviços, como cuidados de saúde, educação, habitação condigna, entre outros e, por conseguinte, está a quebrar a igualdade de oportunidades. Por exemplo, as crianças que vivem na pobreza têm mais probabilidades de ter um desempenho escolar insuficiente e de ter dificuldade em encontrar um bom emprego. Além disso, mesmo a exposição temporária à pobreza e à privação na infância pode ter consequências devastadoras ao longo da vida.

Por último, a pobreza infantil é também prejudicial para a sociedade e para a sua economia em geral, uma vez que estas pessoas terão de ser apoiadas durante toda a vida. [1]

A UE adotou recentemente uma série de iniciativas para combater a pobreza infantil. Estas iniciativas incluem a Garantia Europeia para a Infância acima referida, os Fundos Sociais Europeus Mais (FSE+), que exortam os Estados-Membros da UE a afetar recursos financeiros adequados para combater a pobreza infantil e implementar a Garantia para a Infância e, por último, o Plano de Ação do Pilar Europeu dos Direitos Sociais (PEDS), que visa retirar pelo menos 5 milhões de crianças da pobreza até 2030. [15]

[14] Ibid., Save the children
 [15] Ibid., Save the children



Source: Eurostat

* break in time series, estimated, as of 19 November 2021 for 25 out of 27 EU Member States

Figura 5. Percentagem de crianças AROPE na UE27 (Eurostat, 2021)

Entre os países da UE, em 2021, a **Roménia** comunicou a maior proporção de jovens com graves privações materiais e sociais, com 23,1%, seguida da Bulgária e da Grécia[1] .

Em **França**, cerca de 3 milhões de crianças são consideradas pobres. Este número tem vindo a aumentar constantemente desde 2008, com mais 440.000 crianças. A taxa de pobreza das crianças com menos de 18 anos é de 21%: por outras palavras, uma criança em cada cinco é pobre no país[2] . Este facto tem consequências nas suas possibilidades de integração social e profissional, porque a precariedade e a pobreza são acompanhadas de um isolamento prejudicial ao desenvolvimento das crianças. Há também 1,5 milhões de jovens que não estão empregados, nem em formação, nem na escola e que são atualmente designados NEETS (Not in Education Employment or Training). Assim, têm de enfrentar diferentes dificuldades: materiais, financeiras, mas também relacionais, porque estes jovens sofrem de isolamento ou estão a faltar à escola.

Na **Irlanda**, um estudo do ESRI mostrou que a probabilidade de privação na idade adulta é 35 pontos percentuais mais elevada entre os indivíduos que cresceram na pobreza, em comparação com os indivíduos que cresceram em circunstâncias financeiras "muito boas".[3] Assim, o apoio aos jovens desfavorecidos é essencial para combater o ciclo descendente.

Na maioria dos países do consórcio e na Europa em geral, as consequências da crise do coronavírus são ainda mais graves para as crianças, os jovens e as famílias em situação de pobreza. Uma das razões para isto é a falta de oportunidades financeiras e (im)materiais em termos de trabalho, rendimento, rendimento habitacional, habitação, redes sociais e oportunidades digitais. Além disso, este aumento não era apenas esperado para 2020, mas também para os anos vindouros. [4] É por isso que o Pilar Europeu dos Direitos Sociais propõe três objetivos a nível da UE que têm de ser alcançados até 2030 nas áreas do emprego, das competências e da proteção social. A pobreza e a exclusão social são um dos objetivos. O número de pessoas AROPE deve ser reduzido em pelo menos 15 milhões até 2030, dos quais pelo menos 5 milhões devem ser crianças.[5]

[16] Social Justice Ireland (April 2023), Youth poverty across the EU, consulted on <https://tinyurl.com/49tvudf6>

[17] Apprentis d'Auteuil (2016), « Qui sont les jeunes en difficulté aujourd'hui ? », consulted on <https://tinyurl.com/mpczm62f>

[18] The Economic and Social Research Institute (October 2022), Intergenerational poverty in Ireland, Number 150, consulted on <https://tinyurl.com/4pfra5m7>

[19] Ibid., Save the children

[20] Eurostat, "Glossary:At risk of poverty or social exclusion (AROPE)", consulted on <https://tinyurl.com/422jarzq>

2.1.2 Educação

Como disse Nelson Mandela, "a educação é a arma mais poderosa que se pode usar para mudar o mundo"[1] . De facto, a educação escolar desempenha um papel crucial na promoção de sociedades e economias inclusivas, mais justas e mais prósperas.

Em primeiro lugar, embora a educação seja gratuita na maioria dos países europeus, existem ainda custos adicionais ocultos que criam oportunidades desiguais no acesso aos benefícios da educação[2] . Por exemplo, as crianças de zonas e famílias mais pobres têm, em média, um pior desempenho escolar do que os seus colegas mais privilegiados, porque não têm a mesma possibilidade de proporcionar a mesma quantidade de atividades pós-escolares, material escolar, apoio nos trabalhos de casa, entrada em escolas privadas,... [3] . Assim, o acesso à educação e à formação, para além da escolaridade básica, é atualmente determinado em muitos países pelos recursos financeiros dos indivíduos e das famílias.

Além disso, estar na escola também pode exacerbar a discriminação e as desigualdades: as crianças desfavorecidas continuam a ser das mais discriminadas na escola. De facto, muitas delas continuam a ser inscritas em escolas especiais ou colocadas em turmas segregadas nas escolas regulares. Por exemplo, na **Bélgica**, as estatísticas mostram que as crianças dos bairros pobres estão sobre-representadas no ensino especial. Nos bairros mais desfavorecidos, 6% das crianças estão inscritas no ensino especial, enquanto nos bairros mais privilegiados, apenas 1,5% das crianças estão inscritas no ensino especial[4] . No entanto, é evidente que o objetivo da educação especial não é resolver as dificuldades de aprendizagem relacionadas com o ambiente social das crianças. É, de facto, porque a educação sofre de uma falta de profissionais que possam acompanhar e orientar os jovens. Os requerentes de asilo, os refugiados, os migrantes e as crianças de minorias étnicas também são frequentemente excluídos da educação (ou têm um acesso limitado à mesma)[5] .

Outra questão da educação dos jovens desfavorecidos é a relação com os seus professores. Os jovens desfavorecidos são frequentemente os que têm um pior desempenho académico e que não gostam da escola. Mas, ao mesmo tempo, são aqueles a quem os professores dão atenção. No entanto, ter alguém com quem falar, como um professor, provou que pode ajudar os jovens a melhorar o seu comportamento.

[21] Oxford University Press (2017), Oxford Essential Quotations, Susan Ratcliffe, consulted on Oxford Essential Quotations - Oxford Reference

[22]. Save the children (November 2021), Guaranteeing children's future : How to end child poverty and social exclusion in Europe, consulted on <http://bitly.ws/DkFd>

[23]. Ibid.

[24]. Romainville, A. (2015), « Le spécialisé en Communauté française, un enseignement spécial... pour les pauvres », Observatoire belge des inégalités, consulted on <https://tinyurl.com/38c5a3kz>

[25]. Save the children (November 2021), Guaranteeing children's future : How to end child poverty and social exclusion in Europe, consulted on : <http://bitly.ws/DkFd>

Na **Europa**, uma pequena minoria dos jovens entre os 15 e os 19 anos não está a estudar, a receber formação ou a trabalhar. Mas representam uma proporção maior na Europa do Sul e, em particular, na Europa do Sudeste e nos países do Cáucaso. Esta questão é, por conseguinte, um aspeto importante a considerar. Na **Roménia**, várias tendências recentes relacionadas com o sistema educativo romeno apontam para desenvolvimentos positivos e preocupantes no que diz respeito à educação: em 2017, a taxa de abandono escolar precoce da Roménia foi a terceira mais elevada da União Europeia (18,1 %)[1] . Mas, ao mesmo tempo, a maioria dos jovens tem como objetivo o ensino superior (licenciatura ou superior) neste país. Isto mostra o fosso entre a vontade e as possibilidades oferecidas aos jovens.

A **pandemia de COVID-19** tornou estes desafios ainda mais visíveis e urgentes.[2] De facto, o encerramento das escolas veio muito provavelmente reforçar as desigualdades existentes. As crianças de famílias que vivem na pobreza têm mais probabilidades de viver em condições que dificultam o ensino doméstico. Por exemplo, os pais tendem a ter menos competências e conhecimentos para fornecer orientação e apoio adequados aos seus filhos, e a rede social é frequentemente mais limitada para lidar com estes problemas. Além disso, os ambientes de aprendizagem eletrónica exigem normalmente computadores, uma ligação fiável à Internet e um local adequado para fazer os trabalhos de casa e frequentar cursos online. O acesso à Internet é, por conseguinte, uma condição importante para o ensino em casa e para evitar o atraso escolar.

2.1.3 Migração

Do ponto de vista estatístico e jurídico, os países europeus partilham algumas das mesmas definições relativas aos migrantes. Para efeitos de recolha de dados estatísticos, o Eurostat distingue entre imigrantes de primeira geração - aqueles que nasceram fora do país de acolhimento e cujos pais também nasceram fora; e de segunda geração - aqueles que nasceram no país de acolhimento, mas em que pelo menos um dos pais nasceu fora.[1] Na maior parte dos sistemas educativos europeus, os estudantes migrantes tendem a ter um desempenho inferior e a manifestar uma menor sensação de bem-estar em comparação com os seus colegas nativos.[2]

Entre todos os migrantes, as crianças constituem um grupo particularmente vulnerável que requer cuidados especiais e proteção jurídica imediata: segundo a UNICEF, um terço dos refugiados e migrantes que chegaram à Europa são crianças[3] . Podem encontrar-se em várias situações. Ao migrarem, pretendem escapar a perseguições, conflitos armados ou perturbações no seu país, escapar a condições de privação grave ou a violações dos Direitos Humanos ou procurar novas oportunidades ou uma vida melhor. Podem deslocar-se com as suas famílias, mas também podem migrar sozinhas.

[26]Eurostat (2018), Europe 2020 education indicators in 2017- The EU has almost reached its target for share of persons aged 30 to 34 with tertiary education, consulted on <https://tinyurl.com/2p8e89fx>

[27]European Commission, « Pathways to School Success », consulted on <https://tinyurl.com/s5y46up>

European Commission (January 2019), Integrating students from Migrant Backgrounds into Schools in [28]Europe, consulted on <https://tinyurl.com/f6kw87nt>

[29]Ibid.

[30]Unicef, Refugee and migrant children in Europe, consulted on <https://tinyurl.com/yz5mvvay>

As crianças migrantes enfrentam desafios específicos, como ter de aprender uma nova língua, lidar com traumas que tiveram de enfrentar ou o stress de ir para um novo país. Todas estas dificuldades não lhes permitem atingir o seu pleno potencial.[1] A inclusão será o princípio orientador da futura estratégia global da UE sobre os direitos da criança, que procurará garantir que todas as crianças, independentemente da sua origem, capacidade, contexto socioeconómico, estatuto jurídico e de residência, tenham igual acesso ao mesmo conjunto de direitos e proteção. O setor da juventude, e o trabalho com jovens em particular, podem ajudar os jovens migrantes a adquirir aptidões e competências através da aprendizagem não formal. A transição para a idade adulta e da escola para o trabalho pode ser particularmente difícil para as crianças migrantes recém-chegadas, em especial para os jovens não acompanhados, em parte porque as medidas de apoio cessam frequentemente quando a criança atinge os 18 anos de idade. A preparação antecipada para essa transição - através do apoio ao seu sucesso escolar, da sua inclusão no ensino e formação profissionais e na Garantia para a Juventude, e da prestação de acompanhamento e orientação - pode ser particularmente eficaz.

A migração tem sido uma questão controversa na **Roménia** desde a queda do comunismo, mas a importância da questão aumentou muito nos últimos anos. De acordo com um relatório das Nações Unidas sobre as migrações internacionais, entre 2007 e 2015, cerca de 3,4 milhões de romenos emigraram, o que coloca o país em segundo lugar a nível mundial no que respeita à taxa de crescimento da emigração entre 2007 e 2015, a seguir à Síria[2] . É evidente que os problemas migratórios da Roménia aumentaram consideravelmente desde que o país foi oficialmente admitido na União Europeia e os seus cidadãos foram autorizados a circular livremente e a obter emprego nos Estados-Membros da UE.[3] Confrontados com a pobreza e a falta de oportunidades no país, a migração foi uma via escolhida por muitos jovens. Na maioria das vezes, a migração é estudada como um mecanismo através do qual a potencial mão de obra romena se desloca para o estrangeiro, reduzindo assim a dimensão e a capacidade da economia nacional da Roménia. Em segundo lugar, a migração é estudada como um instrumento de luta contra a pobreza, tanto pela sua capacidade de proporcionar oportunidades económicas a pessoas que, de outro modo, se encontram entre os grupos mais marginalizados da Roménia, como também em função das remessas que os trabalhadores romenos no estrangeiro enviam geralmente para o país.

[31] European Commission (January 2019), Integrating students from Migrant Backgrounds into Schools in Europe, consulted on <https://tinyurl.com/f6kw87nt>

[32] Business Review (February 2018), 3.4 million Romanians left the country in the last 10 years; second highest emigration growth rate after Syria, consulted on <https://tinyurl.com/mr3czu4x>

[33] Sandu Dumitru, Georgiana Toth, and Elena Tudor. 2018. "The Nexus of Motivation–Experience in the Migration Process of Young Romanians." *Population, Space and Place* 24 (1): e2114.

Em **Portugal**, as migrações têm dois movimentos complementares. Por um lado, quando quase 2 em cada 5 jovens estão desempregados, alguns deles procuram oportunidades no estrangeiro, deixando o seu país[4] . Por outro lado, como o mercado de trabalho português está muito dinâmico, o país está aberto aos imigrantes há décadas[5] . Por último, uma vez que os cidadãos da UE têm o direito de viver e trabalhar em todos os Estados-Membros, Portugal perde muitos dos seus próprios cidadãos para salários mais elevados em países como a França e a Alemanha e depende de mão de obra barata de fora das fronteiras da UE para manter a sua economia a funcionar.

Mais uma vez, a **COVID-19** teve grandes consequências para os jovens migrantes. A suspensão de procedimentos como o registo, a avaliação da idade e o asilo teve impacto no acesso a serviços para crianças, incluindo a tutela, e, em alguns contextos, no acesso a um abrigo adequado. O reagrupamento/reunificação familiar foi atrasado com a suspensão dos procedimentos de asilo, dos serviços consulares em países terceiros e das opções de voo limitadas para facilitar as transferências. As medidas de distanciamento físico e de confinamento exacerbaram os desafios anteriores em matéria de supervisão individual e de gestão dos processos, de prestação efetiva de informações às crianças e de apoio aos pais e às pessoas que cuidam delas. O acesso à educação tem sido um desafio, em especial nas instalações de acolhimento, uma vez que as crianças refugiadas e migrantes podem não ter os mesmos níveis de conectividade para a aprendizagem em contexto digital e as condições de acolhimento sobrelotadas são muito menos propícias à aprendizagem do que os ambientes escolares.[1]

[[34]International Labour Organization (August 2013), Educated youth migrate for a brighter future, consulted on <https://tinyurl.com/4hyrzhw2>

[35]Makan, A. (May 2022), How Portugal Quietly Became a Migration Hub, Foreign Policy Magazine, consulted on <https://tinyurl.com/2swe78r9>

[36] UNHCR, UNICEF and IOM (June 2020), Refugee and Migrant Children in Europe Accompanied, Unaccompanied and Separated, consulted on <https://tinyurl.com/5atbp939>

2.1.4 Fosso digital

Com a democratização do acesso digital na Europa e em todo o mundo, o debate sobre a "fratura digital" mudou nos últimos anos. Inicialmente, referia-se às desigualdades relacionadas com o acesso à tecnologia digital. No entanto, verificou-se que esta definição era demasiado restritiva, o que levou à introdução dos conceitos de fratura de segundo e mesmo de terceiro grau. A atenção centra-se cada vez mais nas desigualdades sociais ligadas à sua utilização, uma vez ultrapassada a barreira do acesso.

A relação com a tecnologia digital é um dos seis temas importantes da estratégia da UE sobre os direitos das crianças. Além disso, um dos resultados do SportyMentor será o desenvolvimento de uma aplicação móvel. Por estas e outras razões, parece crucial explorar a sociedade digital e da informação como uma fonte de desvantagem.

As crianças e os jovens são considerados nativos digitais. O mundo online oferece muitas oportunidades de aprendizagem, interações sociais, desenvolvimento de competências, jogos, organização da vida quotidiana, ligação com os seus pares e participação em aulas. Mas muitos intervenientes no setor da inclusão digital manifestaram a necessidade de desconstruir a imagem dos utilizadores que não se sentem à vontade com a tecnologia digital. Em primeiro lugar, nem todas as crianças têm igual acesso à Internet e a ferramentas e dispositivos eletrónicos. Se tiverem a oportunidade e o acesso aos recursos, navegam facilmente na Internet e nas redes sociais, mas isso não significa que tenham as competências digitais necessárias para trabalhar com estes equipamentos. Além disso, o mundo digital também pode trazer algumas ameaças, como abusos, cyberbullying, discursos de ódio, conteúdos nocivos e desinformação. A exposição excessiva ao tempo de ecrã pode também provocar problemas de saúde.

Percentage of individuals using the Internet by age group, 2022

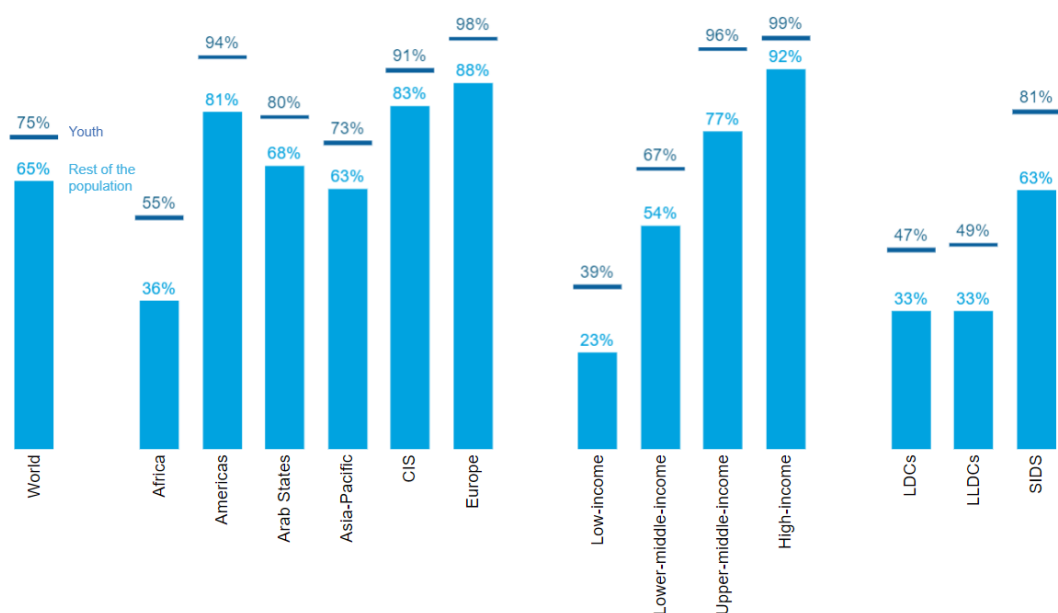


Figura 6. Disparidades no acesso à Internet entre ricos e pobres (União Internacional das Telecomunicações, 2022)

A Comissão Europeia está muito atenta a esta questão e lançou um novo plano de ação para a educação digital (2021-2027)[1] , no qual pretende reforçar as "aptidões e competências digitais relevantes para a transformação digital". A primeira parte do plano, dedicada à aquisição de "aptidões e competências digitais básicas desde uma idade muito jovem", inclui o ensino da literacia digital - para combater a desinformação em particular - bem como os meios para adquirir um "bom conhecimento e compreensão das tecnologias com utilização intensiva de dados, como a inteligência artificial". Na União Europeia, há dois países que se destacam pelos seus excelentes índices de inclusão digital entre os jovens: apenas 3% dos jovens croatas manifestam grandes dificuldades com a tecnologia digital e 4% dos jovens islandeses[2] . Este resultado pode ser explicado por uma mudança no seu sistema educativo, que teve início em 2014, tornando os recursos digitais mais acessíveis e plenamente integrados na educação nacional. A maioria dos sistemas escolares europeus tem, por conseguinte, muito espaço para melhorar, de modo a combater eficazmente estas desigualdades digitais desde a mais tenra idade. Lançar as bases de uma cultura digital é essencial em qualquer idade para iniciar uma vida digital saudável com toda a segurança e abrindo o campo das possibilidades.

Na **Roménia**, como mostram os dados, o tempo de lazer e a utilização da Internet estão interligados, na medida em que a maioria dos jovens romenos utiliza a Internet para as suas atividades de lazer preferidas. A maior parte deles utiliza a Internet para comunicar com os amigos (84,6%) ou para utilizar as redes sociais (79,7%). Além disso, outra grande parte utiliza a Internet para descarregar/ouvir música (59,3%) ou descarregar/ver filmes e vídeos (52,4%). Um aspeto positivo é o facto de 55,1 por cento dos inquiridos utilizarem a Internet para fins escolares, educativos e profissionais.

[37] International Telecommunication Union (ITU, 2022), *Global Connectivity Report*, consulted on <https://rb.gy/o2ww4>

[38] European Commission, *Digital Education Action Plan (2021-2027)*, consulted on <https://tinyurl.com/yc7wmdsw>

[39] Bamas, A., Pasquier-Avis, L., Uhart, T. (January 2022), *Les jeunes Français, victimes insoupçonnées de la précarité numérique*, Le Monde, consulted on <https://tinyurl.com/3x44r3na>

A utilização da Internet está também relacionada com as características e a educação da família. A este respeito, 49,7% dos jovens cujos pais não têm o ensino secundário mencionaram que nunca utilizam a Internet para fins educativos, escolares ou profissionais, ao passo que apenas 10,8% dos jovens cujos pais concluíram o ensino secundário ou superior afirmaram o mesmo. Ao mesmo tempo, 27,5% dos inquiridos cujos pais não concluíram o ensino secundário utilizam frequentemente a Internet para redes sociais, e apenas 8,5% dos inquiridos cujos pais têm estudos superiores a utilizam pelo mesmo motivo.

A **França** ocupa o 12.º lugar no índice DESI 2022[1] . Graças a um esforço sustentado a favor da digitalização, a França alcançou melhores resultados do que o esperado nos últimos anos: por exemplo, 62% dos franceses têm competências digitais básicas. No entanto, embora a maioria das pessoas com menos de 18 anos se sinta muito à vontade com a chamada Internet "divertida" e seja considerada "nativa digital", 17% delas têm dificuldades reais com os procedimentos administrativos, de acordo com o Defensor dos Direitos em 2019[2] . Para combater a iliteracia digital, 270 escolas e instituições de ensino superior estão envolvidas num programa online gratuito, o PIX, que foi criado para que os utilizadores possam medir e desenvolver as suas competências digitais.

Além disso, durante a COVID-19, em **Portugal**, como em muitos outros países da Europa, as organizações que trabalhavam diretamente com jovens mais vulneráveis encontraram grandes barreiras no trabalho remoto com eles, uma vez que muitos não tinham computadores ou quaisquer outros dispositivos eletrónicos para realizar as atividades. No entanto, as organizações tentaram encontrar soluções para este problema e evitar criar um fosso ainda maior entre elas e os beneficiários.[3]

2.2 Saúde

Para além do estatuto socioeconómico, a saúde é um foco importante para a compreensão de quem são os jovens desfavorecidos e o que os pode levar a desenvolver comportamentos desafiadores. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a saúde como "um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade"[1] . A saúde é uma medida fundamental da qualidade de vida. Este aspeto está também estreitamente ligado às diferenças socioeconómicas, pois parece que as pessoas mais pobres tendem a ter uma saúde pior e a morrer mais cedo do que as pessoas em melhor situação[2] . Outros fatores, como as condições de vida e de trabalho, o regime alimentar, a atividade física, o consumo de tabaco, o consumo nocivo de álcool, a prestação e a qualidade dos serviços de saúde e as políticas públicas conexas, incluindo a proteção social, podem também desempenhar um papel importante. Na presente secção, centrar-nos-emos na saúde física e na saúde mental.

[40] Since 2015, the European Commission has been measuring the digital skills of its citizens between the ages of between 16 and 74 years old thanks to the DESI3 (the Digital Economy and Society Index). European Commission (July 2022), « Digital Economy and Society Index (DESI) 2022», consulted on <https://tinyurl.com/mpef8rmr>

[41] Défenseur des droits (2019), Rapport - Dématérialisation et inégalités d'accès aux services publics, consulted on <https://tinyurl.com/25nh4dt9>

[42] Benedito, C. (2022). AHEAD Bairros — AHEAD. AHEAD, consulted on <https://ahead.org.pt/>

[43] World Health organization – WHO , Health and Well-being, consulted on <http://bitly.ws/DkFV>

[44] Eurostat (July 2020), Being Young in Europe today – Health, consulted on <http://bitly.ws/Dkd2>

2.2.1 Saúde física

A saúde física pode ser definida como um estado de bem-estar em que todas as partes internas e externas do corpo, órgãos, tecidos e células podem funcionar corretamente como é suposto[1] . Dois fatores que têm impacto nesta saúde física são a nutrição e a atividade física. A OMS recomenda que as crianças e os adolescentes com idades compreendidas entre os 5 e os 17 anos dediquem, em média, 60 minutos por dia a uma atividade física moderada a sustentada e limitem o tempo sedentário, especialmente o tempo de lazer passado em frente a um ecrã.[2] Está provado que a atividade física regular ajuda a prevenir várias doenças, a manter um peso corporal saudável e pode melhorar a saúde mental, a qualidade de vida e o bem-estar[3] .Uma dieta saudável, juntamente com a atividade física regular, é vital para o pleno desenvolvimento físico e mental das crianças.

Ainda hoje, há crianças na UE que sofrem de fome, em especial nas comunidades ciganas, nas crianças sem-abrigo e nas crianças migrantes, o que as torna mais suscetíveis a doenças e impede o seu desenvolvimento cerebral adequado. Por outro lado, o aumento do preço dos alimentos não saudáveis e a falta de atividade física podem levar as crianças a ficarem obesas e com excesso de peso.[4] Por exemplo, em 2018, quase um em cada cinco jovens de 15 anos tinha excesso de peso ou era obeso, em média, nos países da UE. [5]

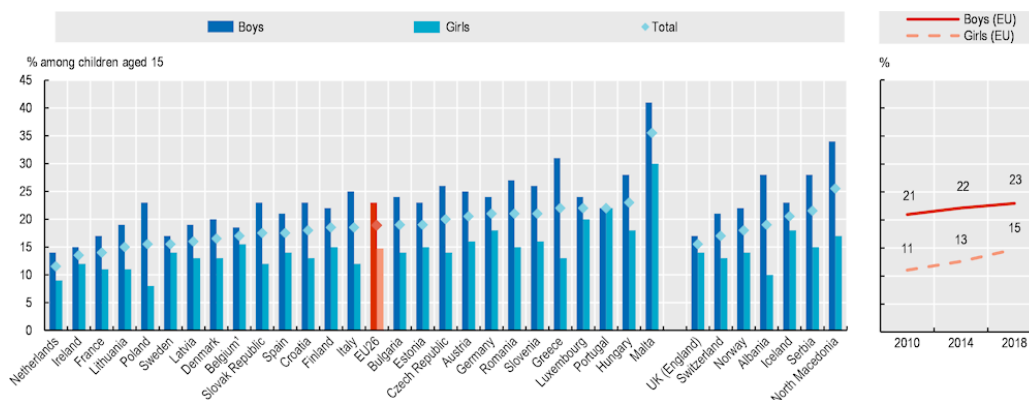


Figura 7. Taxa de excesso de peso e obesidade entre os jovens de 15 anos, 2018 e tendências desde 2010 (OCDE, 2020)

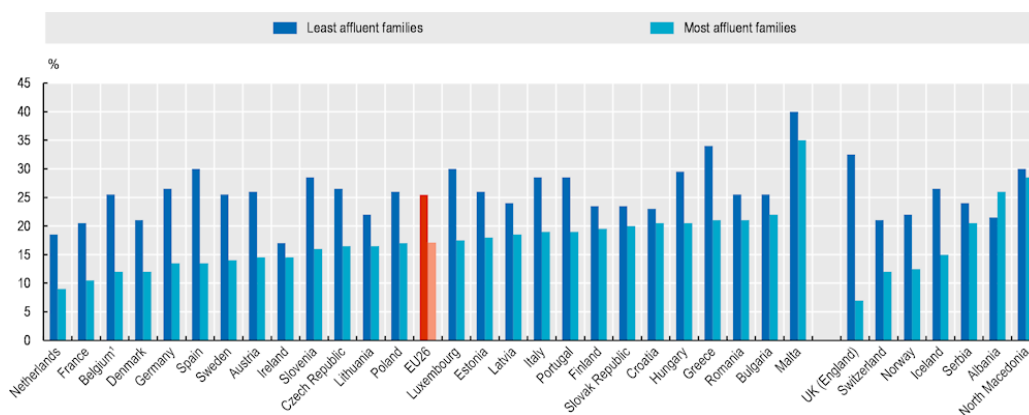


Figura 8. Taxa de excesso de peso e obesidade entre os jovens de 11, 13 e 15 anos de idade, por afluência familiar, 2018 (OCDE, 2020)

[45] Virginia Wesleyan University, Health & Wellness: Physical Health, consulted on <http://bitly.ws/Dkiv>

[46] WHO (October 2022), Physical activity, consulted on <http://bitly.ws/Dkx>

[47] Ibid.

[48] European Commission, EU strategy on the rights of the child, consulted on <http://bitly.ws/Dknj>

[49] Organisation for Economic Co-operation and Development [OECD] (2020), Health at a Glance : Europe 2020: State of Health in the EU Cycle, consulted on <http://bitly.ws/Dkix>

Na **Bélgica**, entre os jovens dos 11 aos 17 anos, apenas 20% dos rapazes e 17% das raparigas cumprem as recomendações da OMS (que recomenda pelo menos 60 minutos de atividade física moderada a vigorosa por dia)[1] . De acordo com o relatório Health Behaviour in School-aged Children, a prática de pelo menos 60 minutos de atividade física por dia está geralmente associada a uma maior riqueza familiar.[2]

A UE está empenhada em educar e promover a atividade física entre as crianças e os jovens. De acordo com a base de dados da OMS, os 27 países já dispõem de um plano de ação nacional para a promoção da atividade física no setor do desporto e têm a educação física como parte dos seus programas escolares.

2.2.2 Saúde mental

A adolescência é uma fase crucial da vida na determinação da saúde física e mental futura. Este período de profundas mudanças de identidade acentua a vulnerabilidade dos jovens, que se tornam mais propensos a comportamentos de risco. Os problemas de saúde mental dos adolescentes estão generalizados e podem, por vezes, estar relacionados com o isolamento, o ambiente educativo, a inclusão social e a pobreza, bem como a utilização prolongada de ferramentas digitais.

Cerca de 20% das crianças em todo o mundo sofrem de problemas de saúde mental que, se não forem tratados, afetam gravemente o seu desenvolvimento, os seus resultados escolares e o seu potencial para viver uma vida plena. A escola é reconhecida como um dos fatores determinantes fundamentais da saúde mental das crianças.[1] Num relatório que deveria fazer soar o alarme nas capitais europeias, a UNICEF alertou para o facto de o suicídio ser a segunda principal causa de morte na Europa entre os jovens[2] .Mais uma vez, a COVID agravou a saúde mental dos jovens: durante este período, eles sofreram ainda mais de ansiedade, solidão, colapso...

Na **Irlanda**, a saúde mental tem sido um tema de destaque nos últimos anos, com nove em cada dez animadores de juventude a considerarem que é o maior desafio durante a pandemia. 85% dos animadores de juventude afirmam que os últimos 12 meses foram extremamente difíceis para os jovens que apoiam e 82% preveem que haverá danos graves a longo prazo para os jovens das suas comunidades[3]. Também se registou um aumento acentuado do comportamento antissocial, juntamente com o abandono escolar precoce.

De acordo com o Instituto Nacional da Saúde e da Investigação Médica (INSERM), em França, 1 em cada 8 crianças sofre de uma perturbação mental, e esta estatística aumenta para 1 em cada 5 entre os adolescentes. Estas perturbações são principalmente emocionais (perturbações de ansiedade ou de humor) e comportamentais (perturbações de hiperatividade e de oposição).[4]

[50] Belgique en bonne santé, Activité physique, consulted on <https://tinyurl.com/y4k5m3fb>

[51] SIPES (2018), HBSC - Health Behaviour in School-aged Children, consulted on <https://tinyurl.com/4ra376ca>

[52] European Commission (March 2021), EU Strategy on the rights of the child, consulted on <https://ii1.su/mXcp9>

[53] UNICEF (October 2021), A worsening mental health situation for Europe's children, consulted on <https://uriz.fr/j66D>

[54] Smyth, E., Darmody, M. (May 2021), Risk and Protective Factors in Adolescent Behaviour, Economical and Social Institute Research, consulted on <https://tinyurl.com/msvr7hnh>

[55] INSERM (March 2015), Le nouveau visage de nos adolescents. Salle de presse, consulted on <https://tinyurl.com/2naxv5us>

O INSERM demonstrou igualmente que estas perturbações resultam de vários fatores: sociodemográficos, hábitos de vida, acontecimentos ocorridos durante a infância e a morbilidade psiquiátrica dos pais.

Na **Bélgica**, mais de um em cada dois jovens (58%) declara ter tido dificuldades mentais ou psicológicas. Os sintomas podem ser graves: 45% dos jovens declaram ter experimentado sentimentos de pânico, ataques de ansiedade, um sentimento de solidão, uma perda de apetite ou uma falta de sono excessiva. Outra constatação: as raparigas são as primeiras a ser afetadas. Sentem-se mais sozinhas, mais stressadas e mais preocupadas com o futuro do que os rapazes.[1] Na Europa em geral, muitas crianças sofreram ataques de ansiedade com o regresso à escola, desenvolveram distúrbios alimentares como a anorexia ou a bulimia, distúrbios comportamentais como a ansiedade ou a depressão e, por vezes, sofreram mais violência intrafamiliar.

Em **Portugal**, numerosos estudos demonstraram que as medidas relativas à COVID-19 tiveram um forte impacto no bem-estar das crianças e dos adolescentes[2]. De facto, os inquiridos sentiram uma diminuição da qualidade de vida nos seguintes aspetos[3]: (1) saúde física - especificamente no que diz respeito aos relatos sobre cuidados pessoais (2) bem-estar psicológico - em termos de alterações emocionais (3) relações sociais - resultantes do distanciamento dos amigos e do isolamento social, juntamente com alterações nas relações familiares (por exemplo, menos contacto), com provável influência no apoio social disponível e 4) relações com o seu ambiente - no que diz respeito ao medo de infeção e, sobretudo, à preocupação com a proteção dos outros (atitudes face à pandemia). Os impactos negativos das medidas da COVID-19 nas crianças e jovens não se verificam exclusivamente em Portugal, mas estão presentes em vários países.

Como afirma a OMS em[4]: "A saúde mental é fundamental para a nossa capacidade coletiva e individual de pensar, de nos emocionarmos, de interagirmos uns com os outros, de ganharmos a vida e de gozarmos a vida. Nesta base, a promoção, a proteção e o restabelecimento da saúde mental podem ser considerados como uma preocupação vital dos indivíduos, das comunidades e das sociedades em todo o mundo."

2.3 Comportamentos de desafio

Para além de abordar as várias situações mencionadas acima que podem constituir uma fonte de desvantagem, o consórcio SportyMentor tem como objetivo prestar especial atenção aos jovens com comportamentos desafiadores. Para efeitos deste projeto, definimos "comportamento desafiador entre os jovens" como postura de ataque a pessoas em posições de autoridade (pais, professores, etc.), tais como desrespeito, gozo ou agressão verbal

[56] Montay, J., F.C (December 2021), Santé mentale : plus d'un jeune sur deux a des difficultés mais n'ose pas voir un professionnel par "peur de stigmatisation", RTBF, consulted on <https://tinyurl.com/4wfkjr5y>

[57] Neves, C. (July 2021), Impacto indireto da covid-19 é maior nos jovens: mais peso, pior sono, mais álcool e drogas, consulted on <https://tinyurl.com/ycr8yhrd>

[58] Magalhães, C., Amante, M. J., Xavier, P., & Fonseca, S. (2021). Reflexões em torno da COVID-19: famílias, crianças e jovens em risco.

[59] Ibid

Quando levado ao extremo, este comportamento pode tornar-se violento, o que pode levar a consequências como a expulsão da escola, famílias desfeitas porque os pais não conseguem controlar o jovem, problemas com a lei ou não ter o autocontrolo necessário para manter um emprego. Se isto acontecer, o jovem pode estabelecer relações com gangues ou pessoas que não são positivas para o seu desenvolvimento e comportamento. Isto pode conduzir a uma espiral de declínio da qual é muito difícil sair.

Durante os workshops, também questionámos os participantes sobre esta questão e complementámos a definição de "comportamentos desafiadores". Em **França**, a ênfase foi colocada na distinção entre comportamento não patológico (não relacionado com um diagnóstico médico) e comportamento patológico (relacionado com perturbação ou deficiência diagnosticada por um médico). Na **Roménia**, trata-se de um comportamento que interfere com a segurança ou a aprendizagem do aluno ou de outros alunos. Para os profissionais **irlandeses**, trata-se de um comportamento que pode excluir um jovem da vida normal, muitas vezes destrutivo para ele ou para os que o rodeiam. Para os profissionais **portugueses**, trata-se de um desafio constante à autoridade, de uma dificuldade em se conformar com as regras e normas e de uma ultrapassagem constante dos limites. Por último, na **Bélgica**, os participantes sublinharam que um jovem não tem necessariamente de apresentar um comportamento difícil para ser considerado como estando em dificuldade.



II. COMO AJUDAR E APOIAR OS JOVENS EM SITUAÇÃO DE MAIOR DESVANTAGEM?

Um dos principais objetivos deste guia é fornecer elementos científicos para o desenvolvimento de um programa baseado em provas e centrado nas necessidades das crianças e dos jovens.

A secção seguinte explora estas necessidades através do quadro de aprendizagem social e emocional desenvolvido pela CASEL (Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning) e a forma como essas necessidades podem ser satisfeitas através da atividade física e das relações de mentoria. Esta abordagem fornecerá a base para a criação de um programa que contribua para comunidades seguras, saudáveis e inclusivas.

1. Necessidades sociais e emocionais dos jovens

De acordo com o CASEL, a aprendizagem social e emocional (ASE) pode ser definida como uma parte integrante da educação e do desenvolvimento humano. A ASE deve ser o caminho pelo qual todos os jovens e adultos adquirem e aplicam os conhecimentos, competências e atitudes para desenvolver identidades saudáveis, gerir emoções e atingir objetivos pessoais e coletivos, sentir e mostrar empatia pelos outros, estabelecer e manter relações de apoio e tomar decisões responsáveis e solidárias.[1] A competência social e emocional também pode ser vista como a capacidade de regular as emoções, gerir as relações sociais e tomar decisões responsáveis.[2] Estas competências conferem às crianças e aos jovens as aptidões necessárias para estabelecer relações de confiança seguras, trabalhar em equipa, demonstrar perseverança, participar na resolução de problemas, demonstrar inteligência emocional e autoconsciência, bem como a capacidade de lidar com situações adversas[3].

[60] Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning [CASEL]. (2015). Social and emotional learning core competencies. Consulted on <http://casel.org>

[61] Heckman, J. & Kautz, T. (2012) 'Hard Evidence on Soft Skills', *Labour Economics*. 19(4), pp. 451-464

[62] McLaughlin, T, Aspden, K & Clarke, L (2017) How do teachers support children's social-emotional competence? *Strategies for teachers*. *Early Childhood Folio*, 21(2) pp 21- 27

Estas competências são geralmente desenvolvidas em crianças muito pequenas que passaram por experiências educativas e de prestação de cuidados adequados que proporcionaram oportunidades para as crianças terem a motivação e o espaço para praticar as suas competências em desenvolvimento. [1]

Outros investigadores defendem que é necessário concentrar-se no desenvolvimento de competências, porque quando as competências emocionais são realçadas e desenvolvidas ao longo da infância, diminui a probabilidade de encontrarmos jovens em situação de maior desvantagem[2] . A literatura sugere também que o desenvolvimento de competências sociais e emocionais devem ser promovidas nos contextos educativos, tais como a literacia emocional (incluindo a autoconsciência), as competências sociais e de resolução de problemas, a empatia e a autorregulação. Além disso, existe uma ligação interdependente entre as competências socio-emocionais e a inteligência emocional[3] .

Para os jovens em situação de maior vulnerabilidade, as questões familiares, socioeconómicas, educativas e outras nem sempre estão em perfeita harmonia para criar as condições ideais necessárias ao desenvolvimento das competências em questão.

No âmbito do CASEL, a ASE promove a equidade e a excelência educativas através de parcerias autênticas entre a escola, a família e a comunidade, de modo a criar ambientes e experiências de aprendizagem que caracterizem relações de confiança e de colaboração, um currículo e um ensino rigorosos e significativos e uma avaliação contínua. A ASE pode ajudar a abordar várias formas de desigualdade e capacitar os jovens e os adultos para co-criarem escolas prósperas e contribuir para comunidades seguras, saudáveis e justas.[4]

Por conseguinte, este quadro proporciona uma ligação clara entre a investigação, a política e a prática, sustentada por uma abordagem de colaboração com uma série de competências, incluindo profissionais, académicos e decisores políticos.



Figura 9. Quadro SEL do CASEL (CASEL, 2020)

[63] Ibid, McLaughlin et al.

[65] Vaida, S. (2016) *Social-Emotional Competence Development in Young Adults: A Theoretical Review*. Studia UBB Psychol-Paed, LXI, 1, pp 107-122

[66] Ibid CASEL (2015)

[67] CASEL (2020), CASEL'S SEL framework : What are the core competence areas and where they promoted ?, retrieved from <https://t.ly/UuaRU>

2. Atividade física para satisfazer necessidades emocionais

A utilização da atividade física e/ou do desporto para apoiar os jovens desfavorecidos tornou-se um discurso e um esforço importantes da agenda Europa 2020. Este facto pode ser apoiado por uma vasta literatura que sustenta um impacto positivo da prática de atividades desportivas no desenvolvimento psicológico, cultural e comportamental dos indivíduos, para além do progresso físico normalmente esperado.[1]

Várias instituições europeias reconhecem o potencial da educação física e do desporto como meio de desenvolver competências sociais, éticas e morais, tais como: cidadania ativa[2]; atitudes de cooperação[3] ; qualidades pessoais como a regulação das emoções[4] ; competências sociais como o trabalho de equipa, a lealdade, o auto-sacrifício, o comportamento ético e a perseverança para atingir objetivos.[5]

A investigação também mostra o potencial do desporto e da atividade para educar os jovens, promovendo o respeito por si próprio e pelos outros, juntamente com a responsabilidade pessoal, a autorregulação, as competências de comunicação, a motivação e a auto-consciência[6] . Segundo os autores, quando se comparam as crianças que praticam desporto com as que não praticam, as que praticam atividades desportivas apresentam níveis mais elevados de autorregulação.

Juyal & Dandona (2012)[7] argumentam que a razão para tal se deve à oportunidade que a atividade física e o desporto proporcionam de interações individuais de uma forma colaborativa enquanto se trabalha para um objetivo comum, uma vez que os participantes aprendem a desenvolver competências de autorregulação e o desporto proporciona uma arena para expressar e canalizar emoções mais fortes (como a agressão) de uma forma socialmente mais apropriada.

Hellison (2010) reconheceu a ligação entre a prática de atividade física e o desenvolvimento de competências sociais e emocionais fundamentais através do modelo de Ensino da Responsabilidade Pessoal e Social (TPSR) (1985, 1995, & 2003). Este modelo enfatiza a necessidade de ensinar, através do desporto e da atividade física, valores e comportamentos que podem contribuir para o desenvolvimento positivo da vida dos alunos. O modelo TPSR de Hellison identifica dois valores associados ao bem-estar e ao desenvolvimento pessoal: a auto-gestão (nível 1) e o esforço (nível 2). Dois outros valores estão associados à integração e ao desenvolvimento social: o respeito pelos

[68] Hellison, D. (2010). Teaching personal and social responsibility through physical activity. Cahmpaign, IL: Human Kinetics.

[69] Banks, J. (2008). Diversity and citizenship education in global times. Education for citizenship and democracy, pp. 57-70

[70] Bailey, R. (2005). Evaluating the relationship between physical education, sport and social inclusion. Educational review, 57(1), pp. 71-90

[71] Hellison, D. (2010). Teaching personal and social responsibility through physical activity. Cahmpaign, IL: Human Kinetics.

[72] Rudd & Stoll (2004) 'What type of character do athletes possess? An empirical examination of college athletes versus college non athletes with the RSBH value judgment inventory', The Sport Journal. 7(2),

[73] Ubago-Jiménez, J. , González-Valero, G. , Puertas-Molero, P., & García-Martínez, I. (2019). Development of Emotional Intelligence through Physical Activity and Sport Practice. A Systematic Review. Behavioral Science. (9:44). doi:10.3390/bs9040044

[74] Juyal, S.L & Dandona, A (2012) Emotional Competence of sports and non-sports personnel: A comparative study. IJBS, 27, p41-52

Hellison's Model of Social Responsibility

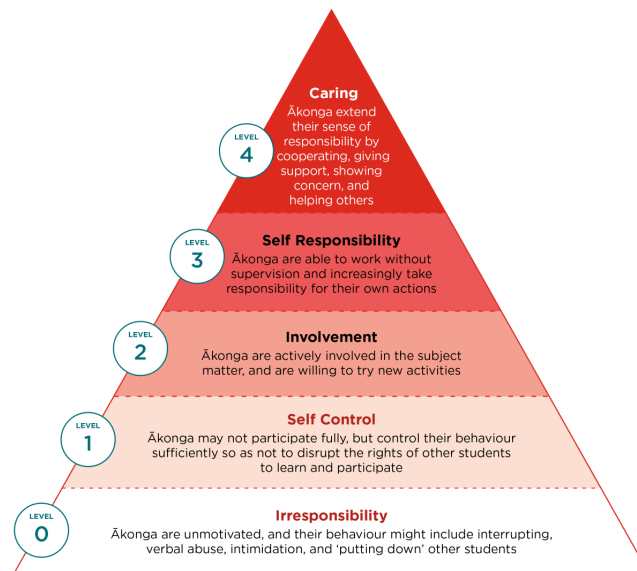


Figura 10. Modelo de responsabilidade social de Hellison adaptado (Ministério da Educação da Nova Zelândia)[1]

Dado que a componente afetiva (emocional) do envolvimento tem demonstrado prever o envolvimento comportamental (Li & Lerner, 2014)[1], torna-se importante reconhecer as barreiras emocionais que um jovem pode enfrentar quando lhe são apresentadas oportunidades de aprendizagem. No caso dos desportos de equipa, isto pode referir-se ao apoio à autorregulação emocional dos jovens em termos de os ajudar a gerir a ansiedade face ao seu próprio desempenho em comparação com o dos outros. Ajudar a gerir os seus sentimentos quando o jovem fica aquém do seu desempenho esperado, bem como a empatizar com os outros nessa posição, é outro aspeto que exigiria apoio com os jovens em dificuldades. Por conseguinte, é essencial satisfazer as necessidades emocionais dos jovens, mesmo para os envolver no desporto, o que sublinha a importância das competências do educador.

Para otimizar o potencial da atividade desportiva no desenvolvimento destas competências, Hellison (2010) sugeriu a necessidade de uma abordagem holística para envolver os alunos na atividade física. No âmbito desta abordagem, os educadores têm de assegurar que haja tempo protegido para a construção de relações e para a reflexão, bem como para garantir que as vozes dos participantes sejam ouvidas, o que é conseguido através de reuniões de grupo; explicação explícita dos resultados desejados da atividade (incluindo o desenvolvimento de competências sociais e emocionais) e programas individualizados que reconheçam as necessidades individuais.

3. A mentoria como ferramenta para envolver os jovens em situação de maior desvantagem

Para serem bem-sucedidos, os jovens precisam de ter nas suas vidas adultos presentes e cuidadores. Isto é especialmente verdade para os jovens em situações mais desfavorecidas. Com apoio, estes jovens podem aspirar a um futuro mais promissor, e contribuir, de forma positiva para as suas próprias vidas, para as suas famílias, para as suas comunidades e muito mais.

[75] "Ākonga" is a maori word meaning "student, pupil, disciple"

[76] New-Zealand's Ministry of Education, Teaching personal and social responsibility, consulted on : <https://t.ly/l5tjw>

[77] Li, Y., & Lerner, R. M. (2013). Interrelations of behavioral, emotional, and cognitive school engagement in high school students. *Journal of Youth and Adolescence*, 42(1), 20-32.

A mentoria é, por conseguinte, uma intervenção particularmente atrativa para este grupo, devido ao seu custo relativamente baixo em comparação com programas mais intensivos, à grande variedade de áreas que pode abranger e à sua flexibilidade para apoiar jovens de diferentes contextos[1]. De facto, um número crescente de estudos tem revelado associações significativas entre o envolvimento dos jovens em relações de mentoria e resultados positivos em termos de desenvolvimento[2]. Ao desenvolverem relações de confiança e proximidade com adultos, os jovens podem começar a ver-se a si próprios e aos outros de uma forma mais positiva, a desenvolver competências cognitivas e sociais que podem transferir para outras relações importantes e a idealizar o seu futuro com maior otimismo e clareza[3]. Mas o sucesso na criação de relações de mentoria fortes, duradouras e potencialmente transformadoras não é certamente um dado adquirido em qualquer programa de mentoria. As características e necessidades dos mentores e dos jovens (mentorandos) desempenham um papel importante no desenvolvimento da relação.

Na secção seguinte, analisamos alguns dos elementos identificados como importantes nos perfis do mentor e do mentorando para estabelecer uma relação sólida entre os dois.

3.1 Características dos mentores

Para efeitos deste projeto, um mentor pode ser definido como um adulto (jovem) solidário que trabalha com um jovem para construir uma relação, oferecendo orientação, apoio e encorajamento para ajudar o jovem a desenvolver-se de forma positiva e saudável ao longo de um período de tempo[1]. O mentor deve ter algum conhecimento sobre as possíveis dificuldades e obstáculos que advêm do facto do jovem ter um passado de maior dificuldade e/ou desafios. Pode ser benéfico para a relação de mentoria (através da criação de empatia) que o mentor tenha tido um passado semelhante e possa ser considerado um caso de sucesso. No entanto, um mentor deve, acima de tudo, possuir as seguintes competências[2]:

- Ser paciente
- Ser entusiástico
- Mostrar respeito
- Estar genuinamente interessado em ajudar
- Ser solidário
- Ser um ouvinte ativo
- Ser inspirador
- Ser coerente
- Ser adaptável
- Dar feedback honesto

[78] DuBois, D. L., N. Portillo, J. E. Rhodes, N. Silverthorn and J. C. Valentine (2011) "How Effective Are Mentoring Programs for Youth? A Systematic Assessment of the Evidence." *Psychological Science in the Public Interest*, 12 (2), 57–91.

[79] Herrera, Carla, David L. DuBois and Jean Baldwin Grossman (2013). *The Role of Risk: Mentoring Experiences and Outcomes for Youth with Varying Risk Profiles*. New York, NY: A Public/Private Ventures project distributed by MDRC.

[80] Rhodes, J. E., R. Reddy, J. Roffman and J. B. Grossman 2005 "Promoting Successful Youth Mentoring Relationships: A Preliminary Screening Questionnaire." *Journal of Primary Prevention*, 26 (2), 147–167.

[81] Bruce M., Bridgeland J. (January 2014), *The mentoring effect: young people's perspectives on the outcomes and availability of Mentoring*, consulted on <https://tinyurl.com/3b2fxhsp>

[82] Loretto, P. (2022), *Qualities of a Good Mentor*. *The Balance*, consulted on <https://tinyurl.com/25kvjff6>

Para além disso, o mentor pode guiar-se a si próprio seguindo o esquema dos 3 A's para uma mentoria bem-sucedida (3 A's porque em inglês: availability, active listening and analysis):

- Disponibilidade - um mentor deve oferecer e partilhar com o mentorando o seu tempo, experiência, encorajamento, feedback e conselhos.
- Escuta ativa - um mentor deve ouvir e estar atento quando o mentorando está a falar.
- Análise – o mentor deve ser capaz de analisar o que está a ser dito pelo mentorando. O mentor deve ouvir a perspectiva do mentorando e fornecer feedback ou soluções adequadas para promover o seu crescimento.

Para o mentor, os processos de mentoria são também uma oportunidade de desenvolvimento pessoal, uma vez que deve pôr em prática, melhorar ou desenvolver as suas competências pessoais enquanto promove o desenvolvimento do mentorando.

3.2 Características dos mentorandos

O mentorando deve ser um indivíduo jovem, oriundo de um meio desfavorecido, com disponibilidade para receber apoio e orientação. O mentorando deve ter as seguintes competências

- Estar disposto a receber orientação,
- Ser coerente,
- Estar disponível

Além disso, de acordo com um artigo publicado pela Universidade de Illinois[1], as principais qualidades de um bom mentorando são:

- Compromisso pessoal - deve haver também compromisso por parte do mentorando, preparando-se para os encontros com o mentor e seguindo as metas/objetivos estabelecidos, assumindo a responsabilidade de aprender
- Flexibilidade - um mentorando deve também ser capaz de reconhecer a necessidade de acomodar mudanças e manter o foco no objetivo geral
- Abertura - o mentorando deve estar aberto para aceitar feedback, discutir áreas a melhorar e pedir ajuda, bem como partilhar as suas necessidades e pontos de vista com o mentor. Esta abertura deve também abranger a vontade de considerar diferentes ideias ou opiniões, de experimentar coisas novas e de aceitar diferentes pontos de vista
- Iniciativa - é a capacidade de agir ou de assumir a responsabilidade de fazer algo sem ser solicitado a fazê-lo.

3.3 Relação de mentoria

Ao iniciar um programa de mentoria, é crucial que tanto o mentor como o mentorando estejam motivados para o desenvolvimento desta relação. Uma vez que se trata de uma abordagem bilateral, em que ambas as partes podem beneficiar, é crucial que o mentor e o mentorando estejam envolvidos no processo.

Por conseguinte, quando se fala de jovens mentorandos, é importante, enquanto mentor, incorporar algumas atividades de que este possa beneficiar e manter uma elevada motivação para o processo.

[83]University of Illinois (2022), Mentoring undergraduates in Science & Engineering (MUSE) program. Mentoring Undergraduates in Science Engineering MUSE Program, consulted on <https://tinyurl.com/2ukva6x4>

A própria premissa da mentoria é a ideia de que se houver adultos preocupados e disponíveis para os jovens, estes terão mais probabilidades de se tornarem adultos bem-sucedidos.

Os programas de mentoria de jovens podem ter objetivos de desenvolvimento amplos. Estes vão desde melhorar o desempenho académico, preparar os jovens para uma área de trabalho específica, até reduzir a utilização abusiva de substâncias e outros comportamentos anti-sociais[1] . É sempre importante ter em conta o objetivo do mentorando e as suas necessidades específicas.

De acordo com Jekielek et al. (2022), parece haver três características muito importantes de uma boa relação de mentoria:

- Uma "relação de mentoria duradoura" parece ser mais benéfica do que um processo de mentoria de curta duração: As pessoas envolvidas num processo de mentoria de curta duração (menos de 3 meses) sentiam-se menos confiantes para fazer os seus trabalhos escolares e tinham um sentimento de autoestima substancialmente mais baixo.
- Os jovens mentorandos podem beneficiar mais de um mentor que mantenha contacto com eles ao longo do processo, o que significa que os jovens cujos mentores os contactaram com mais frequência tiveram resultados significativamente melhores numa série de indicadores, tais como o desempenho académico, o aumento da confiança nos trabalhos escolares, a minimização do absentismo escolar e até a diminuição da tendência para a iniciação à utilização de substâncias psicoativas. Por outro lado, os participantes que raramente falavam com os seus mentores registaram mesmo uma diminuição dos indicadores acima referidos.
- A perceção de uma relação de maior qualidade com os seus mentores previa os melhores resultados. Os jovens que percebiam que a sua relação com o seu mentor era boa apresentavam um melhor desempenho académico (ou seja, menos faltas à escola; obtinham notas mais altas; eram considerados melhores alunos) e tinham ainda menos probabilidades de começar a consumir drogas e álcool.

As relações de mentoria têm mais probabilidades de promover resultados positivos e evitar danos quando são estreitas, consistentes e duradouras[2] .

4. Boas práticas

Antes de desenvolver uma abordagem inovadora que combine a utilização da mentoria, do desporto e de uma aplicação móvel para adolescentes e jovens, como se pretende com o SportyMentor, é importante identificar e compreender o que já foi feito em termos de desporto e/ou mentoria para apoiar este público.

[83]University of Illinois (2022), Mentoring undergraduates in Science & Engineering (MUSE) program. Mentoring Undergraduates in Science Engineering MUSE Program, consulted on <https://tinyurl.com/2ukva6x4>

[84]Jekielek, S. M., Moore, K. A., Hair, E. C., & Scarupa, H. J. (2002). Mentoring: A promising strategy for youth development. Child Trends Research Brief, 2, 1-8

[85]Rhodes, J. E., & DuBois, D. L. (September 2006). Understanding and facilitating the youth mentoring movement. Social Policy Report, 20(3), consulted on <https://tinyurl.com/nhaehr52>

4.1. Práticas relacionadas com a mentoria

Irlanda

Le Cheile é um serviço nacional de mentoria voluntária e de apoio à família, que trabalha com os jovens e as suas famílias, quando o jovem está envolvido ou em risco de cometer um delito. Criado em 2005, trabalha em parceria com o Serviço de Reinserção Social, An Garda Siochana, Oberstown Children Detention Campus e outras agências para reduzir o nível de criminalidade na comunidade. Recrutam, formam e apoiam mais de 200 mentores voluntários em 12 condados para proporcionar uma relação de apoio aos jovens e aos pais. Le Cheile gere também um projeto específico de justiça restaurativa em Limerick e Clare e vários programas de apoio à família em todo o país.

Portugal

O **AHEAD Bairros** é um projeto de voluntariado em Lisboa que procura, através da promoção do sucesso escolar de crianças e jovens, contribuir para a sua inclusão social. O projeto teve início em 2008 e atualmente decorre em três locais diferentes: no bairro da Boavista, no bairro da Ameixoeira, no bairro Padre Cruz e em Marvila.

O programa funciona num formato de mentoria individualizada (1 para 1) em que cada voluntário é responsável pelo acompanhamento de uma criança ou jovem, com o objetivo de transmitir competências de autonomia escolar.

Os mentores devem:

- Realizar ações de mentoria semanais com a duração de 2 horas ao longo do ano letivo.
- Realizar sessões de esclarecimento com o coordenador após cada mentoria.
- Participar nas diferentes ações de formação (inicial e contínua).
- Planear, organizar e estabelecer objetivos com mentoria.
- Melhorar as competências de trabalho individual e por conta própria.
- Fornecer ferramentas para o sucesso escolar, pessoal e profissional futuro.

4.2 Práticas relacionadas com o desporto

Bélgica

Sport2Be (6-21 anos): A Sport2Be quer restabelecer a igualdade de oportunidades e permitir que os jovens em dificuldades realizem o seu potencial. Pretende ser um impulsionador, acompanhando-os na sua educação, na sua orientação e na sua entrada na vida ativa. Todas as semanas, a Sport2Be oferece às crianças dos 6 aos 21 anos atividades desportivas mistas gratuitas em várias disciplinas, como o futebol, o futebol de rua, o basquetebol, o boxe, o hóquei, o rãguebi, o ténis e a dança. Os jovens podem desenvolver-se sob a orientação de um treinador desportivo competente e com o apoio de um técnico de desenvolvimento atento.

França

Sport dans la ville (Desporto na cidade) é a principal associação de integração pelo desporto em França. Acompanha os jovens dos bairros prioritários no caminho do sucesso através do desporto, o que lhe permite transmitir valores importantes para o desenvolvimento pessoal e a integração profissional de cerca de 8.500 jovens, participando ativamente no seu progresso e desenvolvimento pessoal.

À missão da associação é promover a igualdade de oportunidades. Oferece igualmente vários programas, entre os quais "Sport et pédagogie", que propõe sessões desportivas gratuitas (futebol, basquetebol, ténis e dança) supervisionadas por educadores desportivos que transmitem aos jovens valores essenciais para a sua futura integração social e profissional, como o empenho, o respeito, a boa vontade, a diligência, a pontualidade e o espírito de equipa.



III. CONCLUSÃO

Pretendemos utilizar este guia para responder a três questões principais: quem são os jovens em situação de maior vulnerabilidade, quais são as suas necessidades e como podem ser satisfeitas?

Na definição deste grupo-alvo fomos confrontados, tanto na revisão da literatura como nas discussões com os profissionais, com a complexidade de propor uma definição que fosse consensual, dada a diversidade deste grupo do ponto de vista social, económico ou cultural nos vários países da UE. No entanto, foi possível identificar uma série de critérios consensuais, que se enquadram no âmbito do nosso projeto de definição deste grupo e dos desafios que enfrentam. De seguida, utilizámos o modelo CASEL para identificar as necessidades sociais e emocionais destes jovens. Esta abordagem aborda diferentes formas de desigualdade e capacita tanto os jovens como os adultos para co-criarem ambientes prósperos e contribuírem para comunidades seguras, saudáveis e justas. Por último, quisemos salientar o valor acrescentado da mentoria e da atividade física no desenvolvimento de competências sociais e emocionais, dado o papel central desempenhado por estes dois elementos neste projeto.

Esta investigação e os ateliers permitiram-nos assim confirmar a nossa vontade de fazer do SportyMentor um programa que responde às necessidades dos jovens, promovendo e defendendo os valores do respeito mútuo, da empatia, da responsabilidade e do empowerment.



BIBLIOGRAFIA

LIVROS

Hellison, D. (2010). Teaching personal and social responsibility through physical activity. Cahmpaign, IL: Human Kinetics

INSTITUIÇÕES EUROPEIAS E INTERNACIONAIS

European Commission (July 2022), « Digital Economy and Society Index (DESI) 2022», consulted on <https://tinyurl.com/mpef8rmr>

European Commission (March 2021), EU Strategy on the rights of the child, consulted on <https://ii1.su/mXcp9>

European Commission (January 2019), Integrating students from Migrant Backgrounds into Schools in Europe, consulted on <https://tinyurl.com/f6kw87nt>

European Commission, Digital Education Action Plan (2021-2027), consulted on <https://tinyurl.com/yc7wmqsw>

European Commission, « Pathways to School Success », consulted on <https://tinyurl.com/s5y46up>

Eurostat (October 2022), EU-Children Poverty 2021, consulted on <https://tinyurl.com/mwd9p9ae>

Eurostat (June 2022), Almost a quarter of EU households have children, consulted on <https://tinyurl.com/suhp3rr3>

Eurostat (July 2020), Being Young in Europe today – Health, consulted on <http://bitly.ws/Dkd2>

Eurostat (2018), Europe 2020 education indicators in 2017- The EU has almost reached its target for share of persons aged 30 to 34 with tertiary education, consulted on <https://tinyurl.com/2p8e89fx>

Eurostat, Children and young people in the population, consulted on <https://ii1.su/BnEXD>

Eurostat, “Glossary:At risk of poverty or social exclusion (AROPE)”, consulted on <https://tinyurl.com/422jarzp>

International Labour Organization (August 2013), Educated youth migrate for a brighter future, consulted on <https://tinyurl.com/4hyrzhw2>

International Telecommunication Union (ITU, 2022), Global Connectivity Report, consulted on <https://rb.gy/o2ww4>

Organisation for Economic Co-operation and Development [OECD] (2020), Health at a Glance : Europe 2020: State of Health in the EU Cycle, consulted on <http://bitly.ws/DkIX>

Perovic B. (April 2016) , Defining youth in contemporary national legal and policy frameworks across Europe, consulted on <https://tinyurl.com/mviewzcxx>

UNHCR, UNICEF and IOM (June 2020), Refugee and Migrant Children in Europe Accompanied, Unaccompanied and Separated, consulted on <https://tinyurl.com/5atbp939>

UNICEF (October 2021), A worsening mental health situation for Europe's children, consulted on <https://urlz.fr/j66D>

Unicef, Refugee and migrant children in Europe, consulted on <https://tinyurl.com/yz5mvvay>

World Health Organization (October 2022), Physical activity, consulted on Physical activity (who.int)

World Health Organization (WHO, 2020), WHO guidelines on physical activity and sedentary behaviour. Consulted on <https://tinyurl.com/2hhsvdha>

World Health organization – WHO , Health and Well-being, consulted on <http://bitly.ws/DkfV>

ARTIGOS DE IMPRENSA

Bamas, A., Pasquier-Avis, L., Uhart, T. (January 2022), Les jeunes Français, victimes insoupçonnées de la précarité numérique, Le Monde, consulted on <https://tinyurl.com/3x44r3na>

Business Review (February 2018), 3.4 million Romanians left the country in the last 10 years; second highest emigration growth rate after Syria, consulted on <https://tinyurl.com/mr3czu4x>

INSERM (March 2015), Le nouveau visage de nos adolescents. Salle de presse, consulted on <https://tinyurl.com/2naxv5us>

Loretto, P. (2022), Qualities of a Good Mentor. The Balance, consulted on <https://tinyurl.com/25kvj6>

Makan, A. (May 2022), How Portugal Quietly Became a Migration Hub, Foreign Policy Magazine, consulted on <https://tinyurl.com/2swe78r9>

Montay, J., F.C (December 2021), Santé mentale : plus d'un jeune sur deux a des difficultés mais n'ose pas voir un professionnel par "peur de stigmatisation", RTBF, consulted on <https://tinyurl.com/4wfkjrsy>

Neves, C. (July 2021), Impacto indireto da covid-19 é maior nos jovens: mais peso, pior sono, mais álcool e drogas, consulted on <https://tinyurl.com/ycr8yhrd>

Romainville, A. (2015), « Le spécialisé en Communauté française, un enseignement spécial... pour les pauvres », Observatoire belge des inégalités, consulted on <https://tinyurl.com/38c5a3kz>

CONTEÚDO CIENTÍFICO E ACADÉMICO

Bailey, R. (2005). Evaluating the relationship between physical education, sport and social inclusion. *Educational review*, 57(1), pp. 71-90

Banks, J. (2008). Diversity and citizenship education in global times. *Education for citizenship and democracy*, pp. 57-70

Bruce M., Bridgeland J. (January 2014), The mentoring effect : young people's perspectives on the outcomes and availability of Mentoring, consulted on <https://tinyurl.com/3b2fxhsp>

Cavell, T., DuBois, D., Karcher, M., Keller, T., & Rhodes, J. (2009). Strengthening mentoring opportunities for at-risk youth. Consulted on <https://tinylink.net/ruFUq>

DuBois, D. L., N. Portillo, J. E. Rhodes, N. Silverthorn and J. C. Valentine (2011) "How Effective Are Mentoring Programs for Youth? A Systematic Assessment of the Evidence." *Psychological Science in the Public Interest*, 12 (2), 57-91.

Dumitru, S., Toth, G., and Tudor, E. (2018). The Nexus of Motivation-Experience in the Migration Process of Young Romanians. *Population, Space and Place* 24 (1): e2114.

Heckman, J. & Kautz, T. (2012) 'Hard Evidence on Soft Skills', *Labour Economics*. 19(4), pp. 451-464

Herrera, Carla, David L. DuBois and Jean Baldwin Grossman (2013). *The Role of Risk: Mentoring Experiences and Outcomes for Youth with Varying Risk Profiles*. New York, NY: A Public/Private Ventures project distributed by MDRC.

Jekielek, S. M., Moore, K. A., Hair, E. C., & Scarupa, H. J. (2002). Mentoring: A promising strategy for youth development. *Child Trends Research Brief*, 2, 1-8

Juyal, S.L & Dandona, A (2012) Emotional Competence of sports and non-sports personnel: A comparative study. *IJBS*, 27, p41-52

Klapp, A., Belfield, C., Bowden, B., Levin, H., Shand, R. & Zander, S. (2017) 'A Benefit-cost Analysis of a Long-term Intervention on Social and Emotional Learning in Compulsory School', *The International Journal of Emotional Education*. 9(1), pp. 3-19

Li, Y., & Lerner, R. M. (2013). Interrelations of behavioral, emotional, and cognitive school engagement in high school students. *Journal of Youth and Adolescence*, 42(1), 20-32.

McLaughlin, T, Aspden, K & Clarke, L (2017) How do teachers support children's social-emotional competence? Strategies for teachers. *Early Childhood Folio*, 21(2) pp 21- 27

Magalhães, C., Amante, M. J., Xavier, P., & Fonseca, S. (2021). Reflexões em torno da COVID-19: famílias, crianças e jovens em risco.

Oxford University Press (2017), *Oxford Essential Quotations*, Susan Ratcliffe, consulted on *Oxford Essential Quotations - Oxford Reference*

Rhodes, J. E., DuBois, D. L. (September 2006). Understanding and facilitating the youth mentoring movement. *Social Policy Report*, 20(3), consulted on <https://tinyurl.com/nhaehr52>

Rhodes, J. E., R. Reddy, J. Roffman and J. B. Grossman 2005 “Promoting Successful Youth Mentoring Relationships: A Preliminary Screening Questionnaire.” *Journal of Primary Prevention*, 26 (2), 147–167.

Rudd & Stoll (2004) ‘What type of character do athletes possess? An empirical examination of college athletes versus college non athletes with the RSBH value judgment inventory’, *The Sport Journal*. 7(2),

Save the children (November 2021), *Guaranteeing children’s future : How to end child poverty and social exclusion in Europe*, consulted on <http://bitly.ws/DkFd>

Smyth, E., Darmody, M. (May 2021), *Risk and Protective Factors in Adolescent Behaviour, Economical and Social Institute Research*, consulted on <https://tinyurl.com/msvr7hnh>

Social Justice Ireland (April 2023), *Youth poverty across the EU*, consulted on <https://tinyurl.com/49tvudf6>

The Economic and Social Research Institute (October 2022), *Intergenerational poverty in Ireland, Number 150*, consulted on <https://tinyurl.com/4pfra5m7>

Ubago-Jiménez, J. , González-Valero, G. , Puertas-Molero, P., & García-Martínez, I. (2019). *Development of Emotional Intelligence through Physical Activity and Sport Practice. A Systematic Review. Behavioral Science*. (9:44). doi:10.3390/bs9040044

University of Illinois (2022), *Mentoring undergraduates in Science & Engineering (MUSE) program. Mentoring Undergraduates in Science Engineering MUSE Program*, consulted on <https://tinyurl.com/2ukva6x4>

Vaida, S. (2016) *Social-Emotional Competence Development in Young Adults: A Theoretical Review. Studia UBB Psychol-Paed, LXI, 1*, pp 107-122

Virginia Wesleyan University, *Health & Wellness: Physical Health*, consulted on <http://bitly.ws/DkiV>

OUTROS

Appendix : Workshop summary results

Apprentis d’Auteuil (2016), « Qui sont les jeunes en difficulté aujourd'hui ? », consulted on <https://tinyurl.com/mpczm62f>

Belgique en bonne santé, *Activité physique*, consulted on <https://tinyurl.com/y4k5m3fb>

Benedito, C. (2022). *AHEAD Bairros — AHEAD. AHEAD*, consulted on <https://ahead.org.pt/>

Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning [CASEL] (2020), *CASEL’S SEL framework : What are the core competence areas and where they promoted ?*, consulted on <https://t.ly/UuaRU>

Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning [CASEL]. (2015). *Social and emotional learning core competencies*, consulted on <http://casel.org>

Défenseur des droits (2019), *Rapport - Dématérialisation et inégalités d'accès aux services publics*, consulted on <https://tinyurl.com/25nh4dt9>

New-Zealand’s Ministry of Education, *Teaching personal and social responsibility*, consulted on <https://t.ly/l5tjw>

SIPES (2018), *HBSC - Health Behaviour in School-aged Children*, consulted on <https://tinyurl.com/4ra376ca>



Project Number : 2021-2-FR02-KA220-YOU-000049256

This project has been funded with support from the European Commission under the Erasmus + Programme. This publication reflects the views only of the author and the Commission cannot be held responsible for any use which may be made of the information contained therein.

Project coordinator: Afeji - Hauts de France

Afeji

199, Rue Colbert

59000 Lille

France

www.afeji.org

Project manager : Océane EL SIBAI

oelsibai@afeji.org



Co-funded by
the European Union



SportyMentor | Project Reference: 2021-2-FR02-KA220-YOU-000049256

